PA
8585
T4A56
1803

EPÓDOS

QUE CONTEM

SENTENÇAS

UTEIS A TODOS OS HOMENS,

A'S QUAES SE ACCRESCENTAÕ REGRAS PARA A BOA EDUCAÇAÕ DE HUM PRINCIPE:

COMPOSTO TUDO NA LINGUA LATINA

PELO INSIGNE PORTUGUEZ

DIOGO DE TEIVE,

LENTE DE HUMANIDADES, E DEPOIS REITOR DO COLLEGIO DAS ARTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA NO TEMPO D'ELREI D. JOAÕ O III.

TRADUZIDO NA VULGAR EM VERSO SOLTO

POR

FRANCISCO DE ANDRADE,

CHRONISTA MÓR DO REINO, E GUARDA MOR DA TORRE DO TOMBO.

COPIADO FIELMENTE DA EDIÇAÕ DE LISBOA DE 1565.

LISBOA

NA IMPRESSAÕ REGIA.

1803.

PA
8585
T4A56
1803

Tévio ás Musas
Novo Apollo, nova honra á sua memoria.

Ferreira, Ecloga 5.

LIBRARY
MAY 23 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

PROLOGO.

TEm tanta força as Obras dos Homens Doutos, que por mais que a ignorancia, ou a inveja as queira consumir, sempre o merecimento lhe depara occasião em que ellas tornem a figurar. Tal foi a fortuna que corrêrão ás Obras do nosso insigne Portuguez Diogo de Teive. A

pezar do justo apreço, que dellas fizerão os bons Estimadores logo que sahírão á luz, com insensivel disfarce se forão sepultando no pó do esquecimento, até que huma habil mão no anno de 1762. desenvolvendo deste abysmo as ditas Obras, com espirito patriotico mandou reimprimir as que pode conseguir: E cahindo-me agora nas mãos parte de hum Exemplar de outras do mesmo Author; achei que o não devia afferrolhar, antes ser util com ellas á minha Nação. Este mutilado Exemplar, que por averiguação encontro ser impresso em 1565. contém tres livros; a saber: „ Sententia-„ rum utilium quidem omnibus homi-„ nibus, sed Regibus ac rerum Mo-„ deratoribus præcipue, quibus addi-„ ta est boni Principis institutio: Li-„ ber primus. Hymnorum ad Jesum „ Christum, et ad Divos hujusce „ Regni Patronos pro Regis salute, „ et rerum felicissimo statu: Liber

„ se-

„ secundus. De perfecto Episcopo ,
„ et alia Opuscula ad Henricum Se-
„ renissimum Principem Cardinalem-
„ que , illustrissimum Regnique Mo-
„ deratorem sapientissimum : Liber
„ tertius. „ Porém apenas pude colligir delle o primeiro Livro que offereço ao Público. Se as minhas assiduas diligencias conseguirem o fruto de encontrar outro Exemplar que seja completo, continuarei na reimpressão do que falta, se a esse tempo algum sabio amante da litteratura Portugueza , que tem feito reviver muitos escritos dos nossos bons Authores , que já crão pouco vulgares , não tiver tomado essa empreza. Do merecimento desta Obra que offereço , só direi que he do nosso insigne Portuguez Diogo de Teive , Professor de Humanidades na Universidade de Bordeaux , donde viera convidado por ElRei Dom João III. para reger huma Cadeira na de Coimbra , sendo

de-

depois Reitor do Collegio das Artes: Que concurrêra com Jorge de Buchanan, e Marco Antonio Moreto, os melhores Escr tores Latinos do Seculo XVI. : E que ultimamente Francisco de Andrade Chronista mór do Reino, e Guarda mór da Torre do Tombo, Author bem conhecido pelas suas composições tanto em proza, como em verso, verteo para Portuguez o dito Livro composto para a educação d'ElRei D. Sebastião no tempo que este ainda não contava sete annos de idade. Como o Hendecasyllabo, e o Jambico, pelos quaes o Author offereceo aquelle volume das suas Obras, não se achavão traduzidos pelo dito Andrade, me pareceo supprir essa pequena falta com o pouco talento que tenho, que de nenhum modo deve influir contra os bellos pensamentos de seu Author. Cuidei em emendar os muitos erros da impressão para mais facilmente o

Lei-

Leitor se convencer, pela lição desta Obra, do valor que ella tem, e que já mais se lhe negou.

Vale.

HEN-

HENDECASYLLABUM AD SEBASTIANUM

Invictissimum Lusitaniea Regem

Auctor munusculum offert.

OMnes omnia summa largiuntur
Summis Regibus, aut enim decoris
Ornatos phaleris equos, volucri
Qui possint Zephirum anteire cursu.
Aut miro teretes nitore gemmas,
Aut vestem Tyriam, aut eburna Sceptra
Aut latas pateras micantis auri,
Et quicquid pretiosum et est decorum,
Quod tolo eximium orbe reperitur,
Præclari Proceres bonique Cives
Donant Principibus suis libenter.
His maiora tibi Sebastiane
O Rex inclyte, Rex beate dono;
Illi dant tibi quæ expolire pulchrum
Possunt conspicuo decore corpus,
Quæ nostra timida manu offeruntur
Possunt ætheream expolire mentem
Qua nil maius habes beatiusque
Quam solam ipse potes tuam vocare.
Et qua vel similis Deo putaris.
Quæ quanto melior beatiorque
Molli est corpore, nostra dona tanto
Maiori pretio æstimanda duces.

ALIUD

HENDECASYLLABO
DIRIGIDO
A ELREI D. SEBASTIÃO,

A quem o Author offerece a sua Obra.

Dadivas de alto preço em todo o tempo
Aos grandes Reis com larga mão se derão
Cavallos ricamente ajaezados,
Que o vento excedem na veloz carreira;
Luzentes Pedras, Purpuras brilhantes,
Eburneos Sceptros, Taças d'ouro fino.
Em fim quanto ha no Mundo d'excellente
Tudo aos seus Reis liberalmente offrecem
Os illustres Magnates bons Patriotas.
Mas os dons qu' eu te offerto, inclyto Rei,
São dons de mais valia: Aquelles dão-te
Riqueza que te adorne o gentil corpo;
Eu com timida mão venho offrecer-te
Com que possas ornar a sublime Alma.
Tu não tens cousa de maior estima!
O mais he tudo alheio: a alma he só tua:
Por ella ao Ser supremo te assemelhas:
E assim quanto a alma excede o brando corpo,
Tanto deves prezar a minha offerta.

JAM-

ALIUD JAMBICO.

Torques, Coronas, Sceptra, Gemmas inclytis
Multi dedere Regibus.
Atque alia summa dona, quorum memoria
Consumpta edaci est tempore.
Sed illud adeo tenue, quod Regi suo
Donavit olim Rusticus,
Propinquo ab amne, utraque concava manu,
Puraque mente, et candida:
Consumet ætas nulla, nec quidem hoc meum
Si dantis animum inspexeris.

JAMBICO.

INclytos grandes Reis tem recebido
Riquissimos Colares, finas Pedras,
Dourados Sceptros, preciosas Croas,
Com outros grandes Dons, cuja memoria
Tem de todo apagado o voraz Tempo.
Só não tem esquecido a pobre offerta
Do Rustico innocente, que não tendo
Outra cousa que dar ao seu Monarca,
Do visinho regato, diligente
Nas mãos lhe traz porção d'agua tão pura,
Como era a tenção com que a trazia.
Tem respeitado o Tempo este successo:
E o mesmo será da minha offerta,
Se á tenção se attender com qu' ella he feita.

****

SENTENTIÆ.

1 SI vis beatus vivere,
Supremum, et unicum Deum
Supplex adora, et omnibus
Fac rebus illum præferas,
Illique adhære pendulus.
2 *Fac sic, et homines diligas,*
Ut esse mortales scias,
Terrena sic amplectere,
Caduca ut esse deputes.
3 *Sic dede te cælestibus,*
Ut ima præ illis negligas.
4 *Ambire honorem nec decet,*
Nec si offeratur spernere.
5 *Crudelitatem respue,*
Iramque matrem pessimam:
6 *Est ira consultrix mala,*
Mala omnibus quidem viris,
Sed pejor utique principi.
7 *Injuriam obliviscere,*
Beneficii semper memor.
8 *Puni nocentes legibus,*
Serva innocentes, et juva.
9 *Si te timuerint plurimi,*

Ti-

****

SENTENÇAS.

1 SE viver queres bemaventurado,
Ao altissimo unico Deos
Humilde adora, serve, honra, e ama,
E a toda cousa sempre o antepoem,
E em tudo a elle te chega, e delle pende.
2 Assim trabalha de amar os Homens,
Que não deixes de ver que são mortaes,
Assim as cousas da Terra tambem ama,
Qu' entendas que são vans, de pouca dura.
3 Assim t'entrega ao Ceo, e ás cousas delle,
Que tudo de cá por ellas só desprezes.
4 Não procures sobejamente as honras,
Nem se tas offerecerem as engeites.
5 A' crueldade inteiramente fuge,
E sua péssima mãi a Ira injusta:
6 Conselheira malissima he a Ira,
Má certamente a todo o homem he sempre,
Mas peior conselheira he ao Principe.
7 Dos desgostos t'esquece, e das injurias,
E das boas obras sê sempre lembrado.
8 Co' as Leis castigo justo dá aos culpados,
Os innocentes guarda, e os defende.
9 Se a muitos deres causa que te temão,

Tam-

Timebis ipse plurimos.
1 *Pulchrum est amori fidere.*
Fœdum timori. Nam timor
Imperia magna dissipat,
Amor tuetur civium.
2 *Consilio amicos et probos*
Adhibeque prudentes viros;
3 *Turpem voluptatem fuge,*
Honesta quære gaudia.
4 *Ne nube vultum obtexeris,*
Nec gaudio dissolveris.
5 *Frons læta non tamen hilaris.*
6 *Perquire amicos candidos,*
Sed duplices cautus fuge.
7 *Suis studentes commodis*
Fidi esse amici non valent.
8 *Nec vita luxo perdita,*
Nec rebus arctis pressior,
Sit lauta servato modo.
9 *Est arcta virtutis via*
Ingressu in ipso, latior
Et plausibilior postea;
10 *At vitii in aditu fufior*
Post difficilis, et ardua,
Virtusque radices habet,
Duras, amaras, asperas,
Fructus habet dulcissimos.
11 *Si dulce vitium sensui,*
Est insalubre pectori.

Cui-

Tambem tu com razão temerás muitos.
1 A boa confiança he do amor,
A do temor he feia, e mal segura.
Grandes Imperios o temor destrue,
O amor dos Vassallos os conserva.
2 Chama, e admitte a cõselho os q̃ conheces
Por amigos, por bons, e por prudentes;
3 Em todo sempre fuge aos máos prazeres,
Em todo tempo busca os bons, e honestos.
4 Nem carregues de sombra triste o rosto,
Nem no prazer sejas sobejo, e solto.
5 Ande teu rosto gravemente alegre.
6 Busca; que te convem, claros amigos,
E fuge com prudencia dos dobrados.
7 Os que servem sómente a seus proveitos,
Não pódem ser amigos leaes, e certos.
8 Nem deites a perder com mimo a vida,
Nem com miseria gravemente a opprimas,
Mas vive limpo, e honrado meãmente.
9 Apertado he o caminho da virtude
No começo, mas he depois mui largo,
E cheio de prazeres, e alegrias:
10 O do vicio he mui largo, na entrada,
Mas aspero depois, difficultoso;
E se a virtude suas raizes tem
Duras, e amargosas, e insuaves,
Seus fruitos logo tem doces, e brandos,
11 Se o vicio, e o gosto brando, e doce
No estomago causa mal, e doença.

Dei-

Curas inanes excute,
At sanctiores elige;
1 *Nec alteri negotium,*
Nec si potes tibi exhibe.
2 *Nec decipe alium, nec sinas*
Te decipi alio, est alterum
Pravi animi, at ignavi alterum
3 *Arcana ne crede puero*
Nec garrulo detexeris.
4 *Probos amore amplectere,*
Ut pestem iniquos effuge.
5 *Nec alteri quid feceris*
Quod ipse nolis perpeti.
6 *Urbis tumultus oderis,*
Ruris quietem optaveris.
7 *Sic dulce amabis otium,*
Ratio otii ut constet tamen:
8 *At sic ages negotium,*
Tandem ut fruaris otio.
9 *Nec vitæ amator sic eris*
Mortem ut reformides nimis;
10 *Mortem reformida tamen,*
Nil turpe ut in vita geras.
11 *Sortem fer animo lubricam*
Constanti, opesque neglige.
12 *Sic sequere vitam liberam*
Obtemperes ut legibus.
13 *Nec temere amicum ceperis,*
Nec cognitum despexeris.
14 *Si fœdus ineat cum probo*

Vir

DEita longe de ti os máos cuidados,
E os melhores, e santos busca e escolhe;
1 Trabalha por não dar trabalho a outrem,
Nem para ti o tomes, se puderes.
2 Guar-te sempre d'enganar a outro,
Nem enganar te deixès nunca d'outro
Hum faz o malicioso, outro imprudente.
3 De moços não confies teus segredos,
Nem tão pouco a palreiros os descubras.
4 Tem sempre grande amor aos virtuosos,
Dos que o não são, como de peste fuge.
5 A outro nunca alguma cousa faças,
Que tu tambem não queiras que te fação.
6 Fuge aos tumultos das Cidades cheias,
O repouso do campo busca, e ama.
7 Assim amarás o repousado ocio
Que sempre dês boa cònta do teu ocio:
8 De tal maneira entende no negocio,
Que depois possas ter hum doce ocio.
9 Nem ames tanto a vida que receies
A morte mais do que he razão que a temas:
10 Mas sómente a este fim a morte teme,
Que não faças na vida torpe cousa.
11 Soffrerás com forte animo a fortuna
Mudavel, e despreza vans riquezas.
12 Assim te entregarás a vida livre,
Que não percas das Leis a obediencia.
13 Nem tomarás amigos levemente,
Nem deixarás os que por bons provaste.
14 Se o máo com o bom acompanhar,

1 *Vir improbus, vel a malo*
Bonus, vel a bono malus
Vincetur, at magis bonus
Trahetur in mores malos,
Di summa sit probitas viri.
2 *Ut bos male asino jungitur*
Sic vir probus male improbo.
3 *Pudere nil præclarius,*
Nec pejus impudentia.
4 *Pellendus auctor impudens*
Est sceleris, at scelus magis.
5 *Exornat unum qui probum,*
Ad honesta multos excitat.
6 *Sis pronus ad clementiam,*
Ne sis tamen remissior,
7 *Aliena damna ulciscere*
Nec vindicæ mitis tua.
8 *Spes mente vanas excute,*
Veras, et altas concipe.
9 *Vanos timores neglige*
Sed cautus esto, et providus.
10 *Ne gaudium insolentius*
Ostende rebus prosperis,
Nec ægritudinem malis.
11 *Sapiens nec adversis gemit,*
Nec intumescit lenibus.
12 *Optanda frons est Socratis.*
13 *Veros amicos prospera*
Fortuna noscit, plurimos
Habet obsequentes. Tempora

Ini-

1 Ou o bom ha de ser do máo vencido,
Ou o máo ha de ser do bom levado,
Mas muito mais depressa será o bom
Trazido aos máos costumes, se com tudo
A bondade do bom não for perfeita.
2 Como o boi com o asno mal se ajunta,
Assim tambem o bom com o malicioso.
3 Não ha cousa melhor que a boa vergonha,
Nem peior que o desavergonhamento.
4 O máo author do peccado de ti aparta,
Mas mais longe de ti inda o peccado.
5 Quem honra como deve hum virtuoso,
A' virtude com isso muitos move.
6 Inclinado ser deves á clemencia,
Não te tenhão com tudo por remisso.
7 Vinga as alheias offensas, e as castiga,
E as tuas perdoa brandamente.
8 Lança vans esperanças do teu peito,
As que são verdadeiras, e altas guarda.
9 Despreza com cuidado os vãos temores,
Mas com tudo sê provido, e sê cauto.
10 Em tua prosperidade nunca mostres
Prazer sobejo, nem soberba vã,
Nem no contrario mostres grão tristeza.
11 Não geme o sabio nas adversidades,
Nem nas prosperidades se levanta.
12 Deseja sempre o rosto igual de Socrates.
13 A prospera fortuna não conhece
Amigos verdadeiros, e fieis,
Mas muitos falsos tem, e lisongeiros.

Iniqua comprobant fidem.
1 *Nec ipse quemquam despice*
Patiare nec te despici.
2 *Nec despici te existimes,*
Nisi ipsa res palam indicet.
3 *Excelse mens sit Principis,*
Abjecta constans negligat.
4 *Pusilla mens inanibus*
Stultisque rebus vincitur.
5 *Secreta paucis detege*
Quorum probata sit fides.
6 *Si quidpiam abditum velis*
Nulli caveto dixeris.
7 *Vitare quod nequis times?*
8 *Conciliat animos nil magis,*
Quam grata liberalitas.
9 *Succurre promptus pauperi,*
Ornaque divitem probum.
10 *Secreto amicos admone,*
Palamque laudes prædica.
11 *Formæ decorem et gratiam,*
Opes, genus, vires, decus,
Fac lance in una colloces.
12 *Virtutem in alia ad æthera*
Fortuna tolletur levis,
Ad ima virtus tartara
Gravitate descendet sua.

Ne

Na adversa fortuna a fé se prova.
1 Nunca com vaidade outro desprezes,
Nem d'outro nunca desprezar te deixes.
2 Nem cuidarás de ti que te desprezão,
Senão quando o desprezo for bem claro.
3 Alto ha de ser o animo do Principe!
Constante em desprezar as cousas baixas.
4 Facilmente se vence o animo baixo,
De cousas vãs dignas de desprezo.
5 Descobrirás a poucos teus segredos,
Cuja fé bem tiveres conhecida.
6 E se o quizeres ter mais encuberto,
Guarda-te de a ninguem os descubrires.
7 Ao que fugir não pódes, como o temes?
8 Não ha cousa que mais ganhe as vontades
Que a aprazivel liberalidade.
9 Soccorre com cuidado, e amor ao pobre,
Não negues honra ao virtuoso rico.
10 Amoesta os amigos em secreto,
E em publico pregôa seus louvores.
11 Rosto de formosura, e graça ornado,
Riquezas, geração, forças, e honra,
E todos os mais bens da vã fortuna,
Juntamente porás n'huma balança,
12 N'outra a virtude; subirá ás estrellas
A balança ligeira da fortuna,
Mas a grave e pezada da virtude
Com seu pezo aos abismos descerá.

Nun-

1 NE graviter argue in alio,
Quod ipse perpetraveris.

2 *Ut magna familiaritas*
Auctoritatem destruit,
Sic assidua severitas.

3 *Servare qui potes modum*
Ter es beatus, et quater.

4 *Parere legi liberi*
Contraque nequam es servuli.

5 *Cupis imperare aliis bene?*
Recte prius tibi impera.

6 *Veram capesce gloriam,*
Quam vera virtus procreat.

7 *Leviuscula, atque inania*
Parare qui possunt decus?

8 *Quorsum tibi ipsi indulseris,*
Quod graviter in alio arguis?

9 *Invidia pectus macerat*
Aliena plorans commoda.

10 *Ne cuipiam unquam invideris,*
Tibi plurimi sint invidi.

11 *Si vis amari ab omnibus,*
Omnes amare te decet.

12 *Amoris est amor pater.*

13 *Servos acerbe qui premit,*
Fortasse non homines putat.

14 *Quod dedecet ne feceris,*
Quodque decet haud omiseris.

15 *Nocere cuiquam est impium*
Si causa quamvis justior.

1 NUnca reprendas gravemente a outro
O vicio que tu mesmo commetteste.
2 Como a grande familiaridade
Desfaz a authoridade, assi a damna
A continua, e seca gravidade.
3 Quem guardar póde em tudo a temperança
He muitas vezes bemaventurado.
4 Obedecer á Lei he de homem livre,
E desobedecer-lhe he de máo servo.
5 Sabe primeiro mandar a ti mesmo,
Se a outro saber queres bem mandar.
6 A verdadeira gloria segue, e busca,
Que da virtude verdadeira nasce.
7 Cousas leves, e vãs de pouca dura
Não se póde com ellas ganhar honra,
8 Porque a ti perdoarás injustamente,
O que muito nos outros reprehendes.
9 A inveja atormenta a alma, em quanto
Os proveitos, e bens alheios chora,
10 Trabalha por não seres invejoso,
E que tenhas tu muitos invejosos.
11 Se com razão queres que te amem todos,
Convem que tu tambem ames a todos.
12 O verdadeiro pai do amor he amor.
13 O que seus servos trata cruelmente,
Por ventura não cuida que são homens.
14 Nem farás o que não he bem que faças,
Nem deixes de fazer o que he bem.
15 Fazer a outrem mal sempre he crueza,
Inda que por ti tenhas causa justa.

Não

1 *Ne læde quamvis oderis,*
2 *Sed Principem odium dedecet.*
3 *Si noxium neglexeris,*
Excelso es animo præditus;
4 *At ultor esse dum cupis,*
Reddisque pro malo malum,
Quis esse te abjectum neget?
5 *Nec pugnat in pecudem leo,*
Ferusque serpens languidum
Opprimere vermem non solet.
6 *Rex subditos amet suos*
Ut liberos charos parens.
7 *Laudabilem esse pulchrius,*
Est laude quavis, nam potest
Et immerentes laude feceris,
8 *Si digna laude feceris,*
Nec laus sequatur, ne dole.
9 *Adesse misero qui potest,*
Opemque renuit, is nocet.
10 *Homini lupus homo idem et Deus.*
11 *Negligere opes, sunt veræ opes.*
12 *Tum possidebis omnia,*
Cum minima concupiveris.
13 *Cunctisque rebus affluet*
Dum cuncta liber spreveris:
14 *Majorem opes fitim excitant.*

1 Não faças mal inda que tenhas odio,
2 Mas não convem ao Principe ter odio.
3 Se os que te offenderem, desprezares,
Será o teu animo alto, e generoso:
4 Mas em quanto desejas a vingança,
E pagar queres mal por mal; que mostras
Senão seres d'espirito, e animo baixo?
5 Nem peleja o Leão contra a ovelha,
E a fêra Serpente não costuma
Opprimir o pequeno, e fraco bicho.
6 Razão he que o Rei ame seus Vassallos,
Como ama hum Pai seus doces filhos.
7 Merecer o louvor he mais formoso,
Que ser louvado, porque muitas vezes
Se dá louvor a quem o não merece.
8 Se fazes cousa digna de louvor,
Inda que te não louvem, não te peze.
9 Quem póde soccorrer ao affligido,
E ajuda lhe nega, este o mata.
10 O mesmo homẽ he lobo, e Deos ao homem.
11 Verdadeira riqueza he desprezalla.
12 Só então com verdade terás tudo
Quando chegares a cubiçar pouco.
13 E então te dá por rico, e abastado
Se tudo livremente desprezares;
14 Accrescentão riquezas mór cubiça.

1 *Satiare mentem non potest*
Tellure natum quidpiam
2 *Cœlesti ab aura nascitur,*
Quod nostra satiat pectora.
3 *Mentem explet æternus Deus.*
4 *Dum multa largiris tuis,*
Imitaris æternum Deum.
5 *Qui dives in terris sibi*
Videtur, est pauper Deo.
6 *Meum tuumque inter homines*
Cunctos movent discordias.
7 *Verba ista deme, pax erit.*
8 *Quicunque servos durius*
Exercet, ille liberos
Si posset hoc modo angeret.
9 *Unum alterumve selige,*
Cui sic loquaris ut tibi.
10 *Sic te gere in amicum, ut cupis*
Se semper ille in te gerat.
11 *Interpretare humanius,*
Quod forte acerbius potes.
12 *Præclara si potes statim,*
In crastinum ne differas.
13 *De quo ipse non potes queri,*
Illum cavelo lædere.
14 *Quam pauca sunt quæ possides*
Si nosse vis, reputa animo
Quam multa sunt quæ non habes.
15 *Irascitur dum quispiam*
Se positus extra creditur.

Vir-

1 ALma creada para mores cousas
Não a póde fartar nada da Terra,
2 Do alto, e formoso Ceo sómente nasce
O que nossos espiritos enche, e farta.
3 Só o Eterno Deos enche nossa alma.
4 Quando dás largamente muito aos teus,
Ao Eterno Deos liberal imitas.
5 Quem na Terra vãmente crê que he rico,
Ante os olhos de Deos verá que he pobre.
6 Este meu, e este teu, de que usa o Mundo,
Move entre os homens todas as discordias.
7 Tira estas duas palavras, tudo he paz.
8 Quem seus escravos mais asperamente
Opprime, e trata do que fazer deve,
Assim faria aos livres, se podesse.
9 Até hum, até dous sómente escolhe
Com quem possas fallar como comtigo.
10 Assim tracta c'o amigo como queres,
Que elle comtigo se haja, trate sempre.
11 Interpretarás tudo á melhor parte,
Posto que mal interpretallo possas.
12 Se algum bem pódes fazer hoje,
Não convem que para a manhã o deixes.
13 Guar-te de offender de quem não podes,
Nem ousarás queixar-te livremente.
14 Se queres entender quão poucas cousas
São as que tens, revolve bem no peito
Quantas mais cousas são as que não tens.
15 Quando algum demaziadamente se ira,
Parece que de si todo está fóra.

Tra-

1 *Virtute partæ gloriæ*
Difficilis est custodia.
2 *Quicumque in homines est pius,*
Se noscit hominem, ex hac Deum
Ratione sibi reddit pium.
3 *Commune cunctis est mori;*
Sed ille felix occidit,
Cui justa causa mortis est.
4 *Vis experiri in asperis*
Fidos amicos? prosperis
In rebus illos adjuva.
5 *Quo vixeris diutius,*
Acerbiora perferes.
6 *Orationi blandæ*
Ne fide, in herba anguis latet.
7 *Quoties vir improbus ruit*
In scelera præceps, deperit.
8 *Quod patrimonium obsecro*
Rumore honesto illustrius?
9 *Tempus docebit quid sequi,*
Quid fugere te in primis decet.
10 *Pareto cautus tempori,*
Cuncta sapienter digerit.
11 *Perrara pœnitentiæ*
Sit causa, sed si admiseris
Quod jure nolis, pulchrius,
Quid ore pœnitentia?
12 *Supplicia multa principi*
Tam turpia esse ex stimo,
Quam multa medico funera.

1 Trabalhosa cousa he guardar a honra,
Que por clara virtude foi ganhada.
2 Quem he benigno, e pio para os homens,
Por homem se conhece, e só por isso
Se lhe faz tambem Deos benigno, e pio.
3 Cómum he a morte a todos, mas aquelle
He só o que morre bemaventurado,
Quando tem justa causa de sua morte.
4 Queres achar amigos verdadeiros
Na tua adversidade? como amigo
Os ajuda na tua prosperidade.
5 Quanto mais tempo te durar a vida,
Soffrerás mais desgostos, e trabalhos.
6 Não te confies de palavras brandas,
Porque está escondida na herva a serpe.
7 Cada vez que o máo desatinado
Aos peccados se entrega, per si morre.
8 Que patrimonio póde haver que seja
Mais honrado, e illustre que boa fama?
9 O tempo ensinará que segu ir devas,
E elle mesmo te mostra de que fujas.
10 Sabe obedecer sempre ao tempo, qu' elle
Todas as cousas rege sabiamente.
11 Trabalha que não faças nunca cousa,
De que seja razão que te arrependas?
Mas se fizeres o que não devias,
Que melhor cousa que o arrependimento?
12 No Rei muitos castigos, e justiças
Devem de todos ser tão mal julgados
Quão mal as muitas mortes ao Medico.

1 *Duro ære murus firmior*
Est sana conscientia.
2 *Ut diriguntur in scopum*
Spicula bene jaculantium;
Sic nostra cogitatio,
Sic dicta, factaque omnia,
Jactentur in Christum Deum.
3 *Perdisce recte vivere,*
Ac par quod est recte mori.
4 *Nec principi confideris,*
Nec Numini diffideris.

: ✠ : ✠ :

1 *UT nata veritas Dei est,*
Sic dæmonis mendacium.
2 *Servanda rebus omnibus*
Promissa sempre es fides,
Servanda et hostibus tuis.
3 *Denare si quicquam velis.*
Da fronte læta, ac sine mora.
4 *Alienus error fac tuum*
Emendet, ac periculo
Alterius evita tuum.
5 *Cupiditates effuge,*
Potiere regnis maximis.
6 *Ob dulce pacis otium*
Invitus arma corripe.
7 *Injuriam ne feceris;*
Nec diviti quia est potens,
Nec pauperi quia nil potest.

Ira-

1 Mais firme, e forte he a boa consciencia,
Que hum fortissimo muro de metal.
2 Como direitamente vão guiadas
Do bom frecheiro as settas para o alvo,
Assi se devem nossos pensamentos,
Assi nossas palavras, nossas obras
Devem guiar-se a Deos direitamente.
3 Aprende a saberes viver bem,
E o que igual he, saberes bem morrer.
4 Nem em Principes tenhas confiança,
Nem de Deos nunca a confiança percas.

* : *

1 ASsim como a verdade he de Deos filha,
Assim a mentira he filha do diabo.
2 Hade-se a té guardar em tudo sempre,
E guardar-se tambem deve aos inimigos.
3 Quando quizeres dar alguma cousa,
Dá logo, e dá com rosto bom, e alegre.
4 Faze (que he grã prudencia) que s'emẽde,
Teu erro c'o alheio, e no perigo
D'outrem sabe evitar o teu perigo.
5 Fuge com vigilancia a má cubiça,
E lograrás sem ella grandes Reinos.
6 Contra tua vontade toma as armas
Para alcançares repousada paz.
7 Nunca faças injuria, nem affronta
Ao rico, e honrado, porque póde,
Nem ao pobre tambem, porque não póde.

Sof-

1 *Iratum amicum perferes ;*
Furore dempto corripe.
2 *Noli infimos contemnere ;*
Scarabeus in aquillam tumet,
Suam et capillus umbram habet.
3 *Laboris est solatium*
Spes præmii ; dura omnia
Pergrata tenit gloria.
4 *Exactor ille est improbus,*
Donare qui nescit sua.
5 *Ultro quod offers gratius.*
6 *Benefacere alterius malo,*
Malefacere potius vocem.
7 *Referre si scis gratiam,*
Non alteri, tibi consulis.
8 *Bis peccat aliis quem decet*
Virtutis exemplum dare.
9 *Optanda vita quæ potest*
Decorare mortem non bonam.
10 *Optanda item mors quæ potest,*
Ornare vitam etiam malam.
11 *Accipere vis beneficium,*
Largire digno, vis item
Quod ipse donas perdere,
Indigno et ingrato dato.
12 *Donata dum quis prædicat,*
Illum aut dedisse pœnitet,
Aut insolenter exprobat
Aut stultus est, et arrogans.
13 *Donat cum egenus diviti,*

Do-

1 Soffre ao amigo em quanto está agastado,
Depois de baixa a colera o reprende.
2 Nunca desprezes os que pouco podem:
Tambẽ se incha hum bichinho contra a aguia,
E tambem hum cabello tem sua sombra.
3 Consolação foi sempre do trabalho
A esperança do premio: vence, e abranda
Todas as asprezas a doce honra.
4 Desarrazoada, e injustamente pede
Quẽ do seu, quando he tempo, dar não sabe.
5 Mais doce he o que dás sem to pedirem.
6 Fazer a outrem bem com damno alheio,
Antes lhe chamaria fazer mal.
7 Se agradecer bem sabes a boa obra,
Não a outro, a ti fazes esse bem.
8 Dobrado pecca aquelle, a que convem
Dar aos outros exemplo de virtude.
9 A vida se ha de desejar, que póde
A huma morte não boa dar bom nome:
10 E tambem se ha de desejar a morte,
Que póde deixar honra a huma má vida.
11 Se queres receber huma boa obra,
Emprega-a bem, e faze-a a quem merece;
Queres tambem perder a tua boa obra,
Emprega-a mal, e no ingrato, indigno.
12 Quem as boas obras, q̃ a outro faz pregõa,
Ou do bem que tem feito se arrepende,
Ou soberba, e vãamente o lança em rosto,
Ou tem pouco saber, e grã doudice.
13 Quando alguma cousa o pobre dá ao rico,

Retia videtur tendere.
1 *Nec gratiæ, nec viribus*
Tutum est nec opibus fidere.
2 *Bona quæ tuis heredibus*
Facienda linquis, an putas
Fidelius posse exequi?
3 *Lux ante clara luceat,*
Dum lucet à tergo cadis.

1 *PRæclara fama nominis*
Est tutior pecunia.
2 *Bona fama in obscuro micat.*
3 *Te nemo commendaverit*
Te melius ipso, fac tuæ
Sis ipse laudis buccina.
Non ore proprio, sed tuâ
Virtute, quæ vera est tuba.
4 *Dum dona judex accipit,*
Palam esse se furem asserit.
5 *Quamvis capiat in abdito,*
Summo abditum nil judici.
6 *Si sontibus peperceris,*
Ad crimen invitas probos.
7 *Malus probatur improbis,*
8 *Bonis probari vera laus.*
9 *Severitatem tempora*
Perpauca sane postulant

Cle-

Póde-se delle crer que lança redes.
1 Não he cousa segura confiar-se
Em graças, nem em forças, nem riquezas.
2 Os bens, que deixas cá a teus herdeiros,
Para por ti fazerem, por ventura
Cuidas que o farão melhor que tu?
3 Vá diante de ti sempre a luz clara,
Que quando vai de trás das costas, cais.

* : *

1 HE a formosa fama, e o bom nome
Melhor, e mais seguro q̃ o dinheiro.
2 Boa fama no escuro resplandece.
3 Ninguem melhor, nem mais te louve nunca
Do que te tu louvares, e trabalha
Porque tu mesmo sejas o pregoeiro
De teu louvor, mas não por boca tua,
Mas com a virtude, que he a melhor trombeta.
4 Em quanto toma o Julgador as peitas,
Ladrão publicamente se confessa.
5 Inda que as tome escondidamente,
Nenhuma cousa se esconde ao grão Juiz.
6 Se aos culpados perdoas seu castigo,
Os bons, e honestos a peccar convidas.
7 O máo aos máos sempre parece bem.
8 Verdadeiro louvor os bons o dão.
9 Severidade muito poucas vezes
Se louva, ou se busca, ou se deseja.

Clementiam ferme omnia.

1 *Non solum amico sunt bona*
Dicenda verba, sed etiam
Hosti, illa non magno quidem
Constant, pretii at sunt maximi.

2 *Si fortis animus imperet,*
Nil pulchrius pecunia;
At si pecunia imperet
Miserius homine nil puto.

3 *Compescere iram dum velis*
Silentio te contine.

4 *Præsidia vis firmissima,*
Fac diligaris omnibus.

5 *Donando dignis, omnium*
Animos catenis vincies.

6 *Bonos parentes diliges,*
Malosque patiens perferes.

7 *Indulge amicis si boni,*
Malos moneto liberè.

8 *Si monita amicus non ferat,*
Non est amicus, si fidem
Frangat, inimicus est gravis.

9 *Cum trunco et asino litigat,*
Qui stultum et ebrium increpat.

10 *Miseriæ avarus artifex,*
Et calamitatis est suæ.

11 *Amans et amens nomine*
Re sunt et ipsa proximi.

12 *Clavam facilius Herculi,*

Quasi sempre a clemencia he desejada.

1 Não sómente se devem aos amigos
Dizer boas palavras, mas tambem
Aos inimigos devem, pois tão pouco
Preço custão, e são de tanto preço.

2 Que cousa ha mais formosa que o dinheiro,
Se he mandado por espirito grande?
Mas se o dinheiro mesmo he o que manda,
Que miseravel cousa ha mais que o homem?

3 Se esconder queres, e refrear a ira,
O mais certo remedio he o silencio:
E do vagar te ajuda, que he bom freio.

4 Queres ter guardas firmes da tua vida?
Faze-te ser de todos bem amado.

5 Dando a quem merece, prenderás
As vontades alheias com cadeias.

6 Aos bons pais ama como lhe he devido,
Aos máos com siso, e com paciencia soffre.

7 Aos amigos perdoa, se são bons,
Mas aos máos amoesta livremente.

8 O amigo que não soffre que o reprendas,
Não he amigo, nem por esse o tenhas;
Se a fé te québra, he capital imigo.

9 C'hum páo contende, ou c'hũ animal bruto
Quem hum nescio, ou hum bebado reprende.

10 O avaro he de sua miseria mestre,
E de todas suas perdas, e seus damnos.

11 Amante, e amente são quasi huma cousa,
Assim na obra, como na palavra.

12 Mais prestes tirarás a maça a Hercules,

Que

Quam amanti amorem extorqueas.
1 *Si occasionem fugeris,*
Peccata vitabis procul.
2 *Dum moritur hoc unum facit*
Præclare avarus, nec sibi
Vivus, nec ulteri bonus.
3 *Si vis avarum offendere,*
Incommodo et damno affice.
4 *Illi molestum est vivere,*
Qui nescit uti tempore.
5 *Vita potentum limina,*
Sorte esto contentus tua.

: ⁂ : ⁂ :

1 *Dulce sapienti vivere,*
Nec sane acerbum est emori.
2 *Aliena fruges gratior,*
Tua tibi semper displicet.
3 *Amore cæcum esse juvenem,*
Forsan ferendum, hoc in sene
Quis obsecro crimen ferat?
4 *Parant amicos prospera,*
Probant iniqua et aspera.
5 *Nulla hora grata est omnibus.*
6 *Quod est colono optabile,*
Grave ac molestum navitæ.
7 *Ab alea hoc unum excipe*
Tempus quod illa deperit,
Sunt reliqua cuncta pessima.

Oc-

Que o firme amor arranques de quem ama.
1 Se com cuidado ás occasiões fugires,
Tambem de longe fugirás á culpa.
2 Huma só cousa faz bem o avarento,
Que he morrer, porq̃ em quanto o triste vive,
Nem a si, nem a outro he proveitoso.
3 Se queres offender ao avarento,
Trabalha por lhe dar, ou damno, ou perda.
4 A'quelle he só a vida trabalhosa,
Que não soube, nem sabe usar do tempo.
5 Fuge as soberbas portas dos Senhores,
Contente, e satisfeito de tua sorte.

:

1 DOce cousa he a vida ao sabedor,
Né a morte lhe he triste, e trabalhosa.
2 Não folgas vendo a sementeira alheia,
Porque melhor te parece que a tua?
3 Se hum moço for d'amor vencido, e cégo
Perdoar-se-lhe póde, mas n'hum velho
Como se ha de soffrer tão grande vicio?
4 Muitos amigos ganha a boa fortuna,
A má, e contraria os apura, e approva.
5 Nenhuma hora satisfaz a todos.
6 O que o lavrador por bom deseja,
Ao navegante he triste, e perigoso.
7 Tire-se huma só cousa do jogo,
Que he o tempo que nelle mal se perde,
Tudo o mais q̃ nelle ha, he máo, e pessimo.

Em

1 *Occasionem dum vocas*
Calvam, esse te cautum jube.
2 *Mentem excitat necessitas,*
Ac dure egestas, erigit.
Felicitas ignaviam,
Comitemque habet socordiam.
3 *Nil otio infandum magis,*
Dum in otio nihil agitur.
4 *Imperium amore maximum*
Firmari oportet, non metu.
5 *Indigniori dignitas*
Donata, summa infamia est.
6 *Aliena si non sentias,*
Nemo dolebit et tua.
7 *Consulere si rebus tuis*
Nisi alterius injuria,
Possis, caveto consulas.
8 *Ut vera laus concordiam*
Cum vitio habere non potest,
Sic dura pertinacia
Cum sanitate discrepat.
9 *Sortem veretur innocens,*
At improbus legem timet.
10 *Qui laudat auctorem mali,*
Is esse qui bonus potest?
11 *Peccata populus principis*
Incommodo sentit suo.
12 *Vindicta cur placeat tibi,*
Sibi quam reservavit Deus?
13 *Ne quispiam merito tuo*

1 Em quanto tu a occasião calva chamas,
Ella te ensina a ser prudente, e cauto
2 Necessidade ensina, e move o esprito,
E a dura pobreza o alevanta.
Sempre a prosperidade traz comsigo
Baixo descuido, se acha hum baixo sprito.
3 Que cousa póde haver peior que o ocio,
Quando nelle não ha algum bom negocio?
4 Conserva-se melhor o grande Imperio
Com amor dos vassallos, que com medo.
5 A honra dada a quem a não merece,
Em honra não lhe fica, mas infamia.
6 Se te os males alheios não magoão,
Ninguem acharás nunca que os teus sinta.
7 Se não podes senão com damno alheio
Aproveitar a ti, e a tuas cousas,
Deves-te guardar de tal proveito.
8 Assim como o louvor bom verdadeiro
Não póde com o vicio ter concordia,
Assim tambem a dura contumacia
Nunca com a santidade se concerta.
9 A fortuna recea o innocente,
Mas o máo sempre a lei severa teme.
10 Quem ao máo author dos vicios louva;
Como póde este tal ter-se por bom?
11 Os peccados que o Principe commette,
Com suas perdas, o Povo o sente, e paga.
12 Porque tomarás tu por ti vingança,
Se Deos para si só a reservou?
13 Trabalha que ninguem por culpa tua

Fac te oderit, sed si accidat,
Cur graviter angeris animo?
1 *Favendo iniquis principes,*
Quo vitia vitiis ingerunt,
Probosque ab æquo territant?
2 *Rebus varietas in bonis*
Jucunda cunctis, in malis
Quid ore pestilentius?
3 *Ingratus inopi etiam nocet.*

: ⁂ : ⁂ :

1 *TUm demum amico maximè*
Confide, dum expertus fidem
Illius observaveris.
2 *Sed scire te prius juvat*
Latebras habere plurimas
Cor hominis obscurissimum.
3 *Ut corporis umbra, maximis*
Invidia sic virtutibus
Hæret, sed unum obstaculum huic
Opponitur modestia.
4 *Sævo leoni prælium*
Inferre nolis, nec tamen
Ira incitatum homines fugis.
5 *Injuriam obliviscere*
Tuis malis medeberis.
6 *Cum vincis iracundiam,*
Hostem furentem perdomas:
7 *Ne te labores terreant.*

Quis

Te tenha odio, e quando acontecer,
Que razão tens para o sentires muito?
1 Favorecendo os Principes aos máos,
Quantos vicios a vicios accrecentão?
E quantos bons apartão da virtude?
2 Nas cousas boas a variedade
Aprazivel he a todos, mas nas más
Que cousa póde haver de maior damno?
3 Tambem o máo ingrato ao pobre empece.

:

1 ENtão confirmarás do teu amigo
As móres causas, quando bem provada
Tiveres sua fé por experiencia.
2 Mas cumpre-te que saibas bem primeiro
Que tem o escuro coração do homem
Muito grandes segredos escondidos.
3 Como do corpo a sombra não se aparta,
Assim nunca a inveja da virtude,
Mas este só remedio ha contra ella
Que he a modestia, e a humildade d'alma.
4 Contra hum leão não ousas pelejar,
Porque he cruel, e com tudo não foges
Ao homem furioso, e cheio de ira.
5 Não ha melhor remedio contra injuria
Que o descuido, e esquecimento della.
6 Quando com soffrimento a ira vences,
Hum forte, e furioso inimigo vences.
7 Não te enfraqueção, e espantem os trabalhos,

Que

Queis vera virtus cernitur,
Veraque paratur gloria.
1 *Nec jure quis eos increpet,*
Quos mittit ad suos Deus.
2 *Dum magna te premant mala,*
Majora cogita Deum
Tulisse pro malis tuis.
3 *Si vindicanda injuria*
Procul facessat celeritas.
4 *Pensare vis beneficium,*
Fac nulla te mora teneat.
5 *Periculosa res nimis*
Cum principe jocari suo.
6 *Punire? sit satis tibi.*
7 *Potuisse, magna qui potest*
Natum esse se hominem intelligat.
8 *Natura stimulum provida*
Aprum negavit Regibus.
9 *Nil temere ab ore prodeat.*
10 *Oratio speculum animi.*
11 *Felicitate abutitur*
Qui prosperis rebus tumet.

:※:※:

1 UT pœna crimen est sui,
Sic vera virtus præmium.
2 *Moderatus in periculo*
Timor, vocatur cautio.
3 *Si calamitosum irriseris,*

Nu-

Que são a boa prova da virtude,
Com que se ganha a verdadeira gloria.
1 Nem ha razão porque os ninguem reprenda,
Pois aos seus amigos Deos os manda.
2 Quanto maiores males padeceres,
Cuida quantos maiores Deos soffreo
Pelos males, e culpas que tu fazes.
3 Se determinas vingar tua injuria,
Vá-se logo de ti a furia, e pressa.
4 Mas quando houveres de pagar o bem,
Trabalha que o faças sem tardança.
5 He cousa de grandissimo perigo
Zombar com o seu Principe ninguem.
6 Baste-te poderes castigar.
7 Quem póde grandes cousas quando quer,
Não deve de esquecer-se que he mortal.
8 Negou a natureza bem provída
Aos Reis das abelhas toda a arma.
9 Não falles nada descuidadamente:
10 A falla de cada hum espelho he d'alma.
11 Quem com a boa ventura ensoberbece,
De suas prosperidades usa mal.

:

1 COmo o peccado he pena de si mesmo,
Assim a virtude de si mesmo he premio.
2 O temor temperado no perigo
Chama-se antes prudencia cautelosa.
3 Se do triste, e do mísero te ries,

Numine irrideberis.

1 *Injuriam misero facit,*
Qui ridet illum, aut despicit.

2 *Judex probari qui potest,*
Quando nocens absolvitur?

3 *Præclara juvenis indoles*
Purpureo in ore cernitur.

4 *Silentium et modestia,*
Decent ut annos puberes,
Sic et senes prudentia,
Maturitasque judicii.

5 *Præclara commendatio*
Virtutis, ac industriæ.

6 *Inepta commendatio*
Et generis et pecuniæ.

7 *Qui multa verba congerit,*
Causæ haud videtur fidere.

8 *Inanis ostentatio est*
Honesta dum satis patent.

9 *Tacitum inimicum non minus;*
Quam blandum amicum pellito.

10 *Dum facinus ira consulit,*
Consulere se recte putat.

11 *Oculi nocere non solent,*
Dum pura mens intus latet.

12 *Gravis oculorum cæcitas,*
Sed mentis est improvidæ
Gravior et infelicior.

13 *Bini oculi, et aures sunt tibi*
Binæ, atque patulæ, ut plurima

Vi-

Justamente de ti Deos se rirá.

1 Injuria faz ao desaventurado,
O que delle se ri, ou o despreza.

2 Como podes chamar bom o Juiz,
Quando o culpado vai delle sem pena?

3 Bons signaes de virtude no mancebo
Na vergonha do rosto se parecem.

4 Assim como o silencio, e a modestia
Ao mancebo convem, e bem lhe está,
Ao velho convem assim a prudencia,
E a grave madureza do juizo.

5 Louvor he que merece grande nome
O louvor da industria, e da virtude.

6 He mui baixo, e digno de desprezo
Louvor de geração, e de dinheiro.

7 Quem allega por si muitas razões,
Parece que da causa desconfia.

8 E huma soberba mostra de vã gloria
Fallar na honra quando he manifesta.

9 Assim o amigo brando de ti lança,
Como o imigo escondido lançarias.

10 Quando a ira aconselha huma maldade,
Cuida, e tem para si que bem conselha.

11 Os olhos não costumão empecer,
Quando lá dentro está a tenção pura.

12 Muito grave cegueira he a dos olhos,
E a da alma sem conselho, e descuidada,
Claramente he mais grave, e infelice.

13 Dous olhos, e duas orelhas, e tens abertas
Para que sem impedimento possas

Ver,

Videas, pariter et audias.
1 *Ast unicum dumtaxat os,*
Idemque clausum, et plurimis
Cinctum undique est obstaculis,
Pauca ut loquaris cautius.
2 *Virtutis aliquis æmulus*
Si forte contingat tibi,
Calcar tibi additum puta
Ad comparandam gloriam.
3 *Qui commodis solum suis,*
Sibique totus consulit,
Nec se ille noscit, nec Deum.
4 *Qui judicis clementiæ*
Omnino fidit, haud suæ
Causæ videtur fidere.
5 *Avarus est timilis cani,*
Qui neminem tectum ingredi,
Ubi dormiat fert, nec quidem
Capit ipse somnum in ædibus.
6 *Laus displicere est improbis.*
7 *Simulatio sanctimoniæ*
Est singularis malitia.
8 *Illudere homini quis potest,*
Deus ipse non illuditur.
9 *Sed quispiam dum cogitat*
Illudere illi, illuditur.
10 *Curæ, dolores, ac metus*
Scelerisque conscientia,
Abigunt soporem, et gaudium.
11 *Desidera in lætis mori,*

Ver, e ouvir muitas cousas juntamente;
1 E huma boca sómente bem fechada,
E cercada de muitas guardas toda,
Porque entendas que deves fallar pouco,
E com muito resguardo, e grã prudencia.
2 Se por ventura acontecer que tenhas
De tua virtude algum invejoso,
Crê que se te accrescenta quem te mova
Para alcançar com mais spirito a gloria.
3 Quem para si trabalha, e seus proveitos,
E em nenhuma cousa outra se occupa,
Este tal nem a si, nem Deos conhece.
4 Quem confia de todo na clemencia
Do Juiz, claro está que não confia
De que póde allegar por sua causa.
5 Ao cão he similhante o avarento,
Que não deixa entrar ninguem na casa,
Nem consente que nella se repouse,
Nem elle mesmo dorme, nem repousa,
6 Aos máos parecer mal he bom louvor.
7 He estranha malicia, e mui notavel
Fingir virtude, e falsa santidade.
8 A qualquer homẽ enganar póde outro homẽ
Mas Deos não póde ser nunca enganado.
9 Mas se alguem cuida que enganallo póde,
Sobre elle mesmo cahe o seu engano.
10 Os cuidados, as dores, e os medos,
E a propria consciencia da maldade,
Lanção longe de si prazer, e somno.
11 Deseja de morrer no estado alegre,

In tristibus mortem istam
Optare, desperatio est.

: ※ : ※ :

1 *Fortuna sit comes tibi,*
Dux sola virtus optima.
2 *Servum ipse si times tuum,*
Tui ipse servi servus es.
3 *Si melior est hero suo*
Servus, loco est pulsus suo.
4 *Fac ne impotenter quidpiam*
Mortuie cæcus diligas.
Ne gravius angaris animi,
Dum rem caducam amiseris.
5 *Quæ pluribus res perplacet*
Difficilis est custodiæ.
6 *Ne longiorem tu tibi*
Promitte vitam, si bene,
Cupisque sancte vivere.
7 *In utramque partem quæ potes,*
Interpretabere in bonam.
8 *Si scribit hæredem sibi*
Medicum æger, haud sibi consulit.
9 *Tu sequere naturam ducem,*
Ne toto aberres tramite.
10 *Minerva si pugnet tibi,*
Inanis est labor tuus.
11 *Donare quod nolis cito,*
Sine contumelia nega,

Dum

Nas cousas tristes desejar a morte
He desesperação mui trabalhosa.

:

1 A Fortuna te seja companheira,
E a boa virtude só te seja guia.
2 Se tu mesmo o teu proprio servo temes,
Tu mesmo do teu proprio servo és servo.
3 Quando o servo he melhor que seu senhor
Elle com seu senhor o estado troca.
4 Trabalha que nenhuma mortal cousa
Muito ames, como fraco, e como cego:
Porque não te atormente muito o sprito
Perder huma cousa de tão pouca dura.
5 A cousa que parece bem a muitos,
Guardar-se póde trabalhosamente.
6 A ti mesmo, tu mesmo não promettas
Largo tempo de vida, a breve vida,
Se viver queres bem, e santamente.
7 O que interpretar podes mal, e bem,
Sempre o interpreta á melhor parte.
8 Se herdeiro faz ao Medico o doente,
Não faz o que convem á sua saude.
9 Segue por guia tua a natureza,
Porque não erres todo teu caminho.
10 Se a inclinação, e engenho te resiste,
Em vão te será todo teu trabalho.
11 O que dar não quizeres logo o nega;
Mas sem affronta desse que to pede.

1 *Dum mens nocendi est improbo,*
Causam invenit, dum item probus
Succurrere misero cupit,
Honesta causa suppetit.
2 *Multos timore qui afficit,*
Timere nunquam desinit.
3 *Esse diuturnum non potest,*
Quod servat, aut regit timor,
4 *Res ipsa sæpe miseriam*
Quamvis acerba non facit,
Sed animus hominis impotes.
5 *Ut ventus undas concitat,*
Sic ira mentem concutit.
6 *Ne posce quicquam à Numine,*
Ab homine quod vetat pudor.
7 *Nescis quod optas, aut fugis,*
Sit commodum, aut incommodum.
8 *Tua vota sint hujusmodi,*
Ut cuncta committas Deo.
9 *Nulla effluat dies tibi*
Sine linea artifex sit.
10 *Peribit illa tibi dies,*
Qua nemini beneféceris.
11 *Periculum periculo,*
Clavusque clavo traditur.
12 *Fortuna quod fecit tuum,*
Tuum esse non existimes.
13 *Solum esse sed tuum autuma,*
Tibi tua quod virtus dedit.
14 *Nunquam adeo tam feliciter*

Quis

1 Quando o máo tem desejo de empecer,
Elle de qualquer cousa a causa toma:
Assi se o bom deseja fazer bem,
Nunca honesta causa lhe fallece.
2 Quem a outros dá causa de o temerem,
Nunca deixa tambem de se temer.
3 Não póde durar muito, ou ser seguro
O que só o temor conserva, ou rege.
4 Muitas vezes não faz o homem triste
A cousa em si, por aspera que seja,
Mas o animo fraco, e baixo sprito.
5 Como o vento no mar levanta as ondas,
Assim a ira alvoroça, e combate a alma.
6 O que has vergonha de pedir ao homem,
Que razão tens de o pedir a Deos?
7 Não sabes se ao que foges, ou desejas,
He teu proveito, ou causa de teu damno.
8 Todos os teus desejos estes sejão,
Que não queiras senão o que Deos quer.
9 Nenhum dia te passe sem proveito,
Inda que seja dar sómente hum riso.
10 De todo perderás aquelle dia
Que a nenhuma pessoa bem fizeres.
11 Lança-se o prego com o prego fóra,
Assim com hum perigo outro perigo.
12 O que por beneficio da fortuna
Houveste, não o deves ter por teu.
13 E por teu deves de julgar, e ter
O que te deo sómente tua virtude.
14 Nunca ninguem viveo assim ditoso,

Que

Quis vixit, ut non de suis
Queratur infortuniis.
1 *Si transigatur molliter*
Tibi vita, mors erit gravis.
2 *Si vita furerit durior,*
Mors adeo acerba non erit.
3 *Negandi avarus plurimas,*
Et maximas causas habet.
4 *Quo maior est felicitas*
Plures sibi invidos parat.

: ※ : ※ :

1 *EXtra aleam invidiæ unica*
Fortuna Regis est sita.
2 *Invidia ferme inter pares.*
3 *Non adeo plenas numini,*
Quam supplices offer manus.
4 *Sacrificium acceptum Deo*
Est animus integerrimus.
5 *Si sol tudine caperis,*
Cur grata sit tibi vide.
6 *Quod tu negares alteri,*
Haud est honestum poscere.
7 *Pecuniæ Rix imperet*
Non illa regina imperet.
8 *Plerisque multis imperat*
Pecunia, sed inertibus,
9 *Res subjice sapiens tibi,*
Nec te ipse rebus subjice,

Ava-

Quê muitas vezes não tivesse causa
De se queixar de damnos, e infortunios.
1 Quanto viveres mais mimosamente,
Mais te será depois a morte grave.
2 E quanto a vida for mais trabalhosa,
Menos será depois a morte grave.
3 Muitas, e grandes causas o avarento
Tem sempre de negar o que lhe pedem.
4 Quanto he maior a boa fortuna,
Tantos mais invejosos traz comsigo.

:

1 SÓ o estado do Rei he libertado
De toda a inveja, e seus remordimentos.
2 Inveja as mais das vezes he entre iguaes.
3 Não ofereças tanto a Deos mãos cheas,
Quanto antes singelas, e humildes.
4 O sacrificio que he a Deos acceito
He o coração bom de culpa limpo.
5 Se te contenta a vida solitaria,
Olha as razões porque te assim contenta.
6 O que se to pedissem, tu o negarás,
Não he honesto que tu a outrem o peças.
7 Sempre manda ao dinheiro, como Rei,
E elle como Rei nunca te mande,
8 Aos mais dos homens o dinheiro manda,
Mas porém aos que tem pouca prudencia.
9 Tu que sabedor és, subjiga as cousas,
E não consintas que ellas te subjiguem.

Ao

1 *Avarus insatiabilis*,
Auget sitim pecunia.
2 *Cupiditates qui domat*,
Ursos, *leones*, *tigrides*,
Ac monstra vincit effera.
3 *Est patria ubi bene vixeris.*
4 *Odiis apertis tecta sunt*
Peiora, *utrumque pessimum.*
5 *Ab hoste tacito certius*
Tibi imminet periculum.
6 *Confessio admissi mali*
Est proxima innocentiæ.
7 *Maledictum in absentem jacis*:
Deciperis, *in te ipsum jacis.*
8 *Vis ad nocendum pessima.*
9 *Ne temere quid promisseris.*
10 *Promissa postquam feceris*
Exolve, *nec frangas fidem.*
11 *Servare tam fidem decet*,
Quam dedecet mentirier.
12 *Nunquam negato*, *si potes*,
Tibi quod velis concedier.
13 *Injusta amicus dum petit*,
Amicus esse desinit.
14 *Est alter in terris Deus*
Rex justus, *et patriæ parens.*
Tyrannus immanis fera,
Qua nulla in antris sævior.
15 *Ut mittit in terras famem*,
Pestemque rector cœlitum,

Qua

1 Ao avarento, que se nunca farta,
Sua sede accrescenta o dinheiro.
2 Quem suas cubiças vence, e seus desejos,
Vence ursos, e leões, e vence tigres,
E vence outros mil monstros espantosos.
3 Onde viveres bem, ahi he tua patria.
4 Peiores são os odios encubertos,
Que os descubertos, e ambos são bem máos.
5 Do imigo encuberto está mais certo
Sobre ti o perigo, e o trabalho.
6 A confissão da culpa commettida
Muito se vai chegando á innocencia.
7 A injuria que dizes ao ausente,
Enganas-te, que a ti sómente a dizes.
8 Força he má maneira de empecer.
9 Nada promettas apressadamente.
10 Mas depois que tiveres promettido
Inteiramente cumpre, e tua fé guarda.
11 Tanto convem guardares tua palavra,
Quanto menos convem dizer mentira.
12 O que querias que te concedessem,
Não o negues a outro se poderes.
13 Em quanto o amigo injustas cousas pede
Deixa de ser amigo verdadeiro.
14 He outro Deos na terra o Rei que he justo,
E Pai universal da sua patria:
E o máo Tyranno he huma brava féra,
A mais cruel que póde haver na terra.
15 Assi como Deos manda fome á terra,
E assi como manda á terra peste,

Com

Qua punit impium genus,
Sic dat tyrannum, omni fame
Ac peste pestilentius.
1 *Immane monstrum et horridum,*
Quo cruciat humanum genus.
2 *Pax grata cum homine sit tibi,*
Cum scelere durum prælium.
3 *Fatum volentem ducere,*
Sed trahere nolentem solet.
4 *Sic vita ducenda est tibi,*
Ut ultimum diem putes
Illum esse quem vivis hodie.
5 *Æternitatis est via*
Præclara mors, cur hanc times?
6 *Nil de repente credulus*
Jubeto in alterius malum.
7 *Suspecta credulitas tibi*
Sit subita, si solio cupis
Solus sedere regio.

:※:※:

1 PRodesse cunctis, nemini
Nocere, plane regium.
2 *Contra nocere plurimis.*
Prodesse nulli, est impii
Tyranni, et immanis feræ.
3 *Calumniator tam gravi est*
Pœna premendus, quam scelus
Qui perpetravit, cujus est

Dam-

Com que castiga o máo genero humano,
Assi dá o tyranno mais que a fome
Damnoso, e mais pestilencial que a peste.
1 Cruel monstro por certo, e espantoso,
Com que atormenta a geração humana.
2 Tem sempre mansa paz com todo o homem
E sempre c'o peccado aspera guerra.
3 Costuma o fado guiar quem o segue,
E por força levar a quem lhe foge.
4 Assi ordenada deves ter tua vida,
Que o dia que hoje vives, esse cuides
Que será o derradeiro dia della.
5 Se o só caminho da eternidade
He a virtuosa morte, porque a temes?
6 Nunca por creres de ligeiro mandes
Nenhuma cousa em damno alheio.
7 Tem sempre por suspeito crer de pressa,
Se desejas ser só o que mereças
Com razão ser senhor do real assento.

* : *

1 DE Rei he proprio aproveitar a todos,
E a ninguem fazer mal tambem de Rei.
2 Pelo contrario fazer mal a muitos,
E a ninguem fazer bem, nem dar proveito,
He de cruel tyranno, e cruel féra.
3 O falso accusador do innocente
Tanta pena merece, como aquelle
Que commetteo o delicto, cuja pena

Pa-

Damnetur innocens reus.

1 *Nil temporis longuinquitas*
Non curat, ægris anchora
Hæc una restat omnibus.

2 *Sed hæc medella iasciliæ est*
Quam vulgus expectat rude.

3 *Vir perspicaci pectore*
Mente antevertit provida.

4 *Insana vulgi opinio*
Suspecta doctis et probis
Plerumque fallit principes.

5 *Plebs, Flaccus inquit, bellua*
Est multa quæ capita gerit,
Rationis expers bellua
Si capita quamplurima habeat,
Quo stulta et amens prorues?
Quotque furibunda ambagibus
In varia divagabitur?

6 *Suspecta semper principi*
Sua debet esse opinio,
Suus esse sensus, maximè
Dum se trahi affectu videt.

7 *Judicia pœnitentiam*
Fœpropera secum habent.

8 *Matura ferme gaudio*
Admista pariunt gloriam.

9 *Doctrina Christi nos monet,*
Tria esse summo in Numine,
Sapientiæ, summa bonitas
Miscetur, ac potentia.

Pagou o accusado falsamente.
1 O tempo com suas voltas, e vagares
Todo mal cura, e este vão remedio
Por sua consolação ficou aos tristes.
2 Mas isto he remedio de imprudencia
De que o Povo ignorante está pendendo.
3 Mas o homem prudente, e de juizo
Anticipa com seu saber o tempo.
4 Da imprudente opinião do Povo,
Que os bons, e sabedores sempre fogem,
Muitas vezes o Principe he enganado.
5 O Povo, diz Horacio, he huma besta,
E hum monstro que tem muitas cabeças,
E que a razão de todo não conhece.
E se tantas cabeças tem, para onde
Se inclinará assim douda, e ignorante?
Como andará de huma parte para outra
Tão furiosa dando cabeçadas?
6 Não se deve fiar do seu juizo,
Nem do seu proprio parecer o Principe,
E de sua vontade muito menos,
Quando d'alguma affeição vê qu' he levada.
7 Juizos apressados sempre trazem
Certo comsigo o arrependimento:
8 E os maduros pela maior parte,
Dão gloria misturada com prazer.
9 A doutrina de Christo nos ensina,
Que ha tres cousas no summo, e alto Deos,
A junta-se á sua summa sapiencia,
Summa bondade, e omnipotencia summa.

Quan-

Bonitate dempta plus nocet
Maior potestas, atque item
Sapientia ablata, ruet
Hæc tanta rerum machina.

2 *Triplici hac corona cingere,*
Sua regem oportet tempora.

3 *Sors sæpe dat potentiam*
Augere quam prudentia,
Virtuteque oportet inclyto.

4 *Nocere quo magis potes,*
Hoc velle te minus decet.

5 *Prodesse contra plus velis,*
Tua quam ferat potentia,
Quamvis sit illa amplissima,
Et terminetur maximis
Totius orbis finibus.

6 *Solum esse formidabilis*
Rex sontibus debet viris.

7 *Cunctis sit ille amabilis*
Sed maxime innocentibus.

8 *A nemine eccodæmones*
Amantur, immo ab omnibus
Timentur, hac modo impiis
Usu tyrannis accidit.

:⁂:⁂:

1 *A Fonte limpidissimo,*
Ut gratæ aquæ scaturiunt,
Extingitur quibus sitis,

1 Quanto o poder he mór, e sem bondade
Tanto empece mais, e assim tambem
Se o saber a tudo isto não se ajunta,
Destruir-se-ha esta machina do mundo.
2 Destas coroas, tres convem que cinja
Suas fontes o Rei, mais que com as d'oiro.
3 Dá muitas vezes fortuna o poder,
O qual com a prudencia, e com a virtude
He proveitoso, e doce accrescentar-se.
4 Quanto tens mór poder de fazer mal,
Tanto convem que menos o desejes.
5 Pelo contrario deves desejar
De fazer bem mais inda do que podes,
Inda que teu poder se estenda muito,
E se termine só com grandes termos
De toda a grande, e espaçosa terra.
6 Só deve ser temido, e espantoso
O Rei aos máos, e aos vicios costumados.
7 He benigno, e amoroso, e brando a todos,
Principalmente aos bons, e aos innocentes.
8 De ninguem os demonios são amados,
Antes elles de todos são temidos,
Desta maneira sempre aos maos tyrannos,
Crueis monstros, e imigos acontece.

:

1 COmo d'huma formosa, e clara fonte
Saborosas, e doces aguas nascem,
Que matão a dura, e importuna sede,

Assim

A Rege sic mitissimo
Pleno bona fluunt gurgite,
Quo res rigatur publica.
Nullus Cometes tam potens,
Nec læva rebus imperans
Mortalium, animos sic movet,
Moresque quo vult pertrahit,
Quam vita clari principis.
1 *Si calle recto incesseris*
Tua nemo non sectabitur
Feliciter vestigia.
2 *Si contra iniquam et arduam*
Per antra, per rupes viam
Princeps sequatur impotens,
Comites habebit plurimos.
3 *Movere multa principem*
Ad honesta debent, maximè
Ne ducat exemplo suo
Mortale ad inferos genus.
4 *Ut clariora in principe*
Sunt decora virtutum omnia,
Insigniora sic patent
Flagitia in illo apertius.
5 *Plutarchus auctor optimus*
Jure optimo, regem optimum,
Imaginem optimi Dei,
Verumque simulachrum vocat.
6 *Summa in Deo potentia*
Bonitati adhæret maximæ,
Præstatque bonitas omnibus

Pro-

Assim do Rei mansissimo, e benigno
Correm continuamente grandes bens,
Com que a sua Republica se rega.
Nem Planeta nenhum tão poderoso,
Nem a Lua, que tudo move, e manda,
Póde mover os corações dos homens,
E mudar seus costumes como querem,
Como a vida só do claro Principe.

1 Se andares sempre por direita estradá,
Não haverá ninguem que tuas pizadas
Não folgue de seguir ditosamente.

2 Tambem pelo contrario se o caminho
Errado, e trabalhoso, e d'altas fraguas
O Principe seguir, como homem fraco,
Terá em seu erro muitos companheiros.

3 Muitas cousas mover devem o Principe
A seguir a virtude, e a principal,
Porque não guie com seu máo exemplo
Muitas almas de muitos ao inferno.

4 Como mais clara he, e mais parece
No Rei a formosissima virtude,
Assim nelle tambem mais claramente
Se mostra qualquer culpa, ou grave vicio.

5 O excellente, gravissimo Plutarco
Com razão ao bom Rei, e justo chama
Similhança, e imagem do bom Deos,
E o mais verdadeiro seu retrato.

6 Ha no Altissimo Deos summo poder
Junto á summa Bondade eternamente;
E esta summa Bondade he sempre causa,

Prodesse cupiat, ac facit
Potentia illa maxima,
Quibus velit, possit quoque.
1 *Sævo in tyranno perspicit*
Imaginem itidem Dæmonis,
Ut scelere summo est præditus,
Sic maximo imperio valet,
Quo abutitur ad hominum malu?
2 *Nullis tumescas laudibus,*
Sed nitere, ut tibi pares
Perfectionem maximam.
3 *Qui jura dant mortalibus*
Haud tam potentes judices,
Amore, donis, gratia,
Fortasse corrumpi queant.
4 *At principis constantia*
Ut scopulus est firmissimus,
Quem nulla tempestas movet.

:☼:☼:

1 SPes nulla præmii Deum,
Ut sit beneficus permovet.
2 *Hoc æmulari principem,*
Simulachrum oportet numinis.
3 *Sic Regem oportet inclytum*
Gratis benefacere omnibus,
Ut sole nil communius,
Qui lumen extendit suum
Per cuncta cœli sydera,

Lu-

Que quer a todos fazer grandes bens,
E este summo Poder tambem he causa,
Que a quem quer fazer bem, fazello possa.
1 Pelo contrario vês no cruel Tyranno
Huma mui viva imagem do Demonio,
Assim como elle he cheio de maldade,
Assim tem gram poder de que usa mal,
Para geral destruição de todos.
2 Com louvores nenhuns t'ensoberbeças,
Mas trabalha porque de todo alcances
A grande perfeição da sã virtude:
3 Os que julgão as causas entre os homens,
Mortaes juizos, fracos, e inconstantes;
Com amor, ou com dadivas, ou graças,
Quiçá damnar-se, ou corromper-se podem:
4 Mas a constancia do bom Rei, e justo;
He como segurissimo penedo;
Que nenhuma tormenta, ou tempo o move.

:

1 COm nenhuma esperança de proveito,
Ou premio, Deos se move a fazer bem.
2 Este exemplo seguir, e imitar deve
O santo Rei do santo Deos retrato.
3 Que assim ao Rei insigne na virtude
Convem fazer a todos bem de graça,
Como não ha mais commum cousa no mundo
Que o Sol, que estende seu formoso lume,
Por todas as Estrellas do Sol claro,

Lucem unde sumunt omnia:
1 *Sic Rex perenni lumine*
Cuncta orbe lustrans maxime
Illuminat cæca omnia.
2 *Si cæteri cæcutiant,*
Lux clara regis fulgeat.
3 *Si cernat ille affectibus*
Se partem in aliquam pertrahi,
Tum credat ille rem alteri.
4 *Ut nemo perspicit Deum,*
Sed magna sentit commoda
Cuncta mederantis Numinis:
5 *Sic regna vires principis*
Non sentiant, nisi illius,
Dum subleventur munere.
6 *Dum sol suis means radiis,*
Zodiacum in altum tollitur,
Tardissimos motus habet,
7 *Fortuna quo sublimius*
Se tollat, hoc submissius,
Hoc te geras modestius.
8 *Summa animi in hoc est celsitas*
Nil Rege ut indignum geras.
9 *Est turpis omnis servitus,*
Nimisque dura, maxime
Dum cæca vitiis pectora,
Libidinique subjacent.
10 *Qui jure cunctis imperat,*
Affectibus cur serviet?
Vitioque submittet caput

Donde todas recebem a claridade ;
1 Assim o Rei com sua luz continua ,
Com seu exemplo , com que o mundo illustra ,
Os errados , e cegos allumia.
2 E assim se todos se tornarem cegos
Resplandeça a luz clara do bom Rei.
3 Se d'alguma affeição a alguma parte
Vir em si que claramente he levado ,
Commetta logo a outro o tal negocio.
4 Como ninguem na terra vê a Deos ,
Mas sente em si grandissimos proveitos
Do mesmo Deos , que tudo rege , e manda :
5 Assim as forças do Rei não sinta o Reino ,
Senão nas honras , e nas mercès grandes ,
Com que o ampara , ajuda , esforça , e honra.
6 Quando o Sol resplendendo com seus raios
Ao alto Zodiaco se levanta ,
Muito mais de vagar então se move ;
7 Assim quanto mais alto a inconstante
Fortuna te pozer , então te mostra
Mais humano , e humilde , e mais modesto.
8 Esta he no Rei a principal alteza ,
Que nada faça , que a Rei não convenha.
9 He tod'o captiveiro feio , e triste ,
E he principalmente então mais feio ,
Quando o coração cego está sujeito
A baixos vicios , e a pouquidades.
10 Porque o q̃ com razão tem mando em todos
Seguirá as suas cegas affeições ,
E ao máo peccado se sujeitará ,

Que

Domino omnium turpissimo?
1 *Dum regiam potentiam,*
Clarumque sceptrum suscipis,
Non quantum honoris ceperis
Perpende tecum, sed oneris:
2 *Nec magna vectigalia,*
Opesque concedi tibi,
Sed maximas curas puta.
3 *Dum quispiam rex nascitur*
Toto revolvat pectora,
Quod munus illi traditum,
Et quanta moles à Deo est.
4 *At qui vocatur maximis*
Rebus gerendis, non nisi
Coactus imperium gerat.

:※:※:

1 *QUi munus ambit principis,*
Haud ille plane intelligit
Quam sollicita, quamque ardua,
Et plena res periculi est.
2 *Est aureum scepptrum quidem,*
Nostris quod oculis subjacet,
3 *Curas sed intus abditas*
Et difficultates habet
Graves, acerbas, asperas.
4 *Dulci otio se recreat*
Privatus homo, somno sovet
Corpus quieto, dum libet,

No-

Que he o mais baixo, e peior senhor de todos?
1 Quando ao grão Poder, e Real governo,
E clarissimo Sceptro t'entregares,
Não cuides na honra que com elle tomas,
Mas no cuidado, obrigação, e pezo;
2 Nem cuides que t'entregão grandes rendas,
Altos Estados, e riquezas muitas;
Mas cuida que te dão grandes cuidados.
3 Logo quando hum Rei ao Reino nasce,
De preposito empregue seu cuidado
Em ver quão grande obrigação, e carga
O dom, que Deos lhe entrega, traz comsigo.
4 E aquelle que for chamado, e eleito
Para reger a todos, não acceite
Senão contra vontade o regimento.

:

1 QUem deseja de Rei officio, e cargo,
Dá a suspeitar de si que não entende
Quão cheio he este estado de trabalho,
De difficuldade, e de perigo.
2 O sceptro d'ouro he mui formoso
Aos olhos, que não passão do que vem,
3 Mas dentro tem cuidados escondidos.
E mil difficuldades trabalhosas,
Grandes, asperas, duras, e insoffriveis.
4 Hum homẽ q̃ não tem imperio, ou mando
Folga, e descança, como, e quando quer,
Dorme seu somno, e tem repouso doce,

Pas-

Noctes, diesque transigit,
Ludis, locisque suavibus,
Illique cuncta liberum
Est facere, quæ si fecerit
Rex magnus hisque mollius,
Indulseritque largius,
Est munere indignus suo.

1 *Rex qui sibi imperium gerit,*
Suisque servit commodis,
Nec consulit regno suo,
Totumque se illi dedicat,
Non Rex, tyrannus est malus.

2 *Ut nomen est pulcherrimum*
Regis beati et inclyti,
Sic illa cura est maxima
Huic nomini quæ subjacet.

3 *Rex ille magnus protulit*
Cum regium sceptrum manu
Teneret, hoc quamquam aureum,
Mortale si nosset genus,
Humique stratum cerneret,
Non utique quisquam tolleret.

4 *Ut diligit natos pater,*
Nec causa eorum nil facit,
Sic Rex bonus suos amat
Queis cuncta largitur libens.

5 *Exempla Regum insignia*
Ponenda ob oculos sunt tibi,
Ut insequaris optimos
Superesque, si sieri queat,

Passa os dias, e as noites ocioso
Em jogos, e em prazeres livremente;
Faz o que quer que lhe a vontade pede:
Se estas cousas fizerem grandes Reis,
E por seguir seu gosto, e sua vontade,
Se der, mais do que deve, a seus prazeres,
Logo do officio, e o nome fica indigno.

1 O Rei, que para si só rege, e manda,
E sómente tem olho a seu proveito,
Nem provê, como deve, a seus vallallos,
Entregando-se todo ao bem do Reino,
Não he Rei, mas Tyranno máo cruel.

2 Como he nome de todos mais formoso
Do Rei insigne, e bemaventurado,
Assim o cuidado he trabalhoso, e grande,
Que dentro neste nome está escondido.

3 Aquelle grande Rei com razão disse,
Tomando em sua mão seu real sceptro,
Inda que aos olhos és formoso, e d'ouro,
Se os homens conhessem teu trabalho,
E te achassem no chão, que livremente
Te podessem tomar, te engeitarião.

4 Assim como o bom pai ama a seus filhos,
E faz por elles quanto fazer póde:
Assim ama o bom Rei aos seus, e tudo
Lhes dá com boa, e liberal vontade.
De Reis exemplos principaes, e insignes
Ante teus olhos sempre trazer deves,
Para que em tudo sigas os melhores,
E inda, se poder ser, os avantajes;

Fugiasque cautus pessimos.
Ut pestem et atrum toxicum.
1 *Monstra orbis atrocissima*
Fuere Phalarisi impius,
Mezentius, Dionysius,
Nero, Cali gula; Domicius,
Hisque similes quamplurimi
Horum execranda nomina.

: ✠ : ✠ :

1 *COntra beatos principes,*
Ut extitere plurimi,
Quorum tui illustres avi
Seclis micabunt posteris,
Veneratione in maxima
Habere te sempre decet.
2 *Rex natus omnium bono,*
Tyrannus omnium malo est
3 *Nil dulcius republica*
Est principi humanissimo.
4 *Nil quidpiam invisum magis*
Sævo tyranno est subditis.
5 *Tam singulorum principi*
Est chara vita quam sua,
6 *Suam tyrannus sic amat,*
Ut omnum vitam oderit.
7 *Bono parata præmia*
Rex justus et clemens habet,
8 *Malo parata legibus*

Su-

E para que dos máos prudentemente
Fujas como de peste, ou de peçonha.
1 Os monstros mais crueis q̃ no mundo houve
Forão o cruel Phalaris, Mesencio,
Dionysio, Nero, Domicio, e Caligula,
E outros muitos a estes similhantes,
Cujos nomes no mundo aborrecidos
De todos devem ser, e abominados.

:

1 NAõ assim os santos Principes bons Reis,
Como muitos q̃ já houve no mundo,
Dos quaes florecêrão eternamente
Teus illustres Avós com fama, e nome,
A estes por todas estas justas causas
Convem que tenhas grande açatamento.
2 O bom Rei para bem de todos nasce,
E para mal de todos o Tyranno.
3 Ao principe facil, e humanissimo
Nada mais doce lhe he que sua Republica.
4 Nem cousa mais odiosa, que os vassallos
Póde haver para o máo cruel Tyranno.
5 O bom Rei tanto caso, e conta faz
Da vida de cada hum, como da sua.
6 E assim ama o Tyranno sua vida,
Que as vidas de todos aborrece.
7 Tem sempre o justo Rei bom, e clemente,
Apparelhados premios para os bons,
8 E para os máos por leis tem seus castigos,

Com

Supplicia, sed si resipiant,
Vix culpiem venium negat.
1 *Columbæ, et agno candido,*
Castæ atque amicæ turturi,
Rex similis integerrimus.
2 *Verum tyrannus efferus*
Urso, leoni, viperæ,
Lupo, draconi belluis
Est similis immanissimis.
3 *Rex vigilat altum ut dormiant*
Omnes sopprem; at impias
Vigilat tyrannus omnibus
Ut spoliet omnes commodis.
4 *Rex placidus et clemens sua*
In viscera omnes, si potest,
Immittit, ac de sanguine
Largitur omnibus suo,
Dumque exigit res nil negat,
5 *Viscera cruentus omnium*
Lacerat tyrannus, si potest,
Ac sanguinem innocentium,
Exhaurit, ac nihil sibi
Suisque commodis negat.

:⁂:⁂:

1 *REx legibus sanctissimis,*
Et æquitati obtemperat:
2 *Tyrannus indulget animo,*
Solumque curat quod libet,

Est

Com tudo se se emendão, e se conhecem,
Mui poucas vezes o perdão lhes nega.
1 Ao cordeiro sem magoa, á simples pomba
A' castissima, e sempre fiel rola
He similhante o Rei em tudo inteiro.
2 Mas o fero, cruel, e máo Tyranno
Ao usso, ou leão, vibora, ou lobo,
A' serpe, e outras féras crueis, e bravas,
Em todos seus costumes se parece.
3 O Rei vigia, para que repousem
Todos em alto somno: mas o cruel
Tyranno de contino está vigiando,
Para que a todos roube, e a todos damne.
4 O Rei humano, bom, brando, e clemente
Tem todos, se ser póde, em suas entranhas,
E de seu proprio sangue, e sua substancia
Liberalmente parte c'os seus todos,
E quando he necessario, nada nega.
5 O sangrento Tyranno despedaça
De todos as entranhas, quando póde,
E com sua insaciavel crueldade,
Dos innocentes todo o sangue bebe,
E nada nega a si nem a seu proveito.

:

1 OBedece o Rei ás leis santissimas,
Obedece á razão, e á justiça:
2 O Tyranno á vontade, e appetite,
Daquillo que lhe apraz só tem cuidado.

1 *Est ipsa virtus præmium,*
Et vera Regi gloria.
2 *Opes tyranno quas scelus*
Parantque contumeliæ.
3 *Integritate ex legibus*
Rex administrat omnia.
4 *Terrore, fraude, et artibus*
Malis tyrannus imperat.
5 *Rex publico vivit bono,*
Suis tyrannus commodis.
6 *Amore tutus civium*
Vivit suorum Rex pius.
7 *Turba satelitum fera*
Et impiis prædonibus,
Cinctus Tyrannus haud satis
Vivit quieto pectore.
8 *Rex optimos quosque eligit,*
Virtuteque insignes viros
Sua cum quibus communicat.
9 *Suspecti et invisi probi*
Omnes tyranno sunt viri.
10 *Qui vera novit dicere*
Regi ille gratus est bono.
11 *Qui novit assentarier,*
Gratus Tyranno est improbo.
12 *Incendit animos omnium,*
Spe maximi Rex præmii,
Virtutibus dans munera.
13 *At spoliat omnes improbus*
Probos tyrannus, ut sui

Sce-

1 A mesma virtude, e o acceito premio
Ao Rei he a sua verdadeira gloria:
2 Riquezas ao Tyranno, quaes lhe ajuntão
Os vicios, as injurias, as cruezas.
3 Inteiramente o Rei governa: tudo
Pelas leis administra, e por razão.
4 Por terror, por enganos, e por artes
Damnosas, o Tyranno senhorêa.
5 Pelo commum proveito manda o Rei;
E o Tyranno só por seu proveito.
6 Vive o piedoso Rei seguramente
C'o muito que lhe querem seus vassallos.
7 De companhia fera de Soldados,
De inhumanos, e máos salteadores,
Rodeado o Tyranno, inda não vive
Com animo quieto, e satisfeito.
8 Os melhores elege o Rei prudente,
E varões em virtude preminentes,
Com os quaes suas cousas communica.
9 Todos os homens bons são ao Tyranno
Suspeitos, e de todo aborrecidos.
10 O que sabe fallar sempre verdade
Ao bom Rei, e benigno, he mais acceito:
11 O que sabe servir de lisongeiro,
He o que ao máo Tyranno mais agrada.
12 Os animos de todos affervora
Com esperança, o Rei, de grande premio,
Grandes mercês fazendo ao virtuoso:
13 Todos os bons despoja o máo Tyranno,
Para que com estes roubos encha, e farte

Os

Sceleris ministros augeat,
Ditetque furtis maximis,
Paucos, eosque pessimos
Locupletet omnium bonis,
Queis munit imperium suum,
Sic si esse munitum potest.
1 *In ære quicquid omnium est*
Fisco esse credit in suo.
2 *Quas possidet princeps opes*
Credit suorum civium.

: ✠ : ✠ :

1 *Pax grata justo principi,*
Et civium concordia;
Nullisque rebus applicat
Magis ille mentem, quam ut siet
Tranquillitas inter suos.
2 *Sed si Tyrannus rem suam*
Augere factionibus
Possit cruentis, has seret,
Dissentionibus studens.
3 *Rex justa bella suscipit,*
Fortique certat dextera,
Propatriæ amatæ commodis.
4 *Tyrannus at solum sibi*
Proponit ingentes opes,
Et spolia ab armis plurima,
Quæ se relaturum putat.
5 *Salomon benignus Rex ferum*

Pin-

Os Ministros de sua tyrannia,
Com que os bens dos bons todos ajunta,
E com seus grandes furtos enriquecem
Alguns poucos que o seguem, e esses pessimos;
C'os quaes quer segurar o seu Imperio,
Se elle póde com isto ser seguro.
1 Tudo o que todos tem, isso imagina,
Que tem já recolhido no seu Fisco.
2 O bom Rei as riquezas, que possue,
Todas cuida que são de seus vassallos.

* : *

1 AO bom Principe a santa paz deleita,
E entre todos os seus a sã concordia,
E a nada applica mais os pensamentos,
Que a trabalhar que sempre entre os seus haja
Socegado repouso, e boa amizade.
2 Mas se o cruel Tyranno sua fazenda
Com bandos injustissimos podesse
Accrescentar, mil bandos semearia,
Que dissensões he todo o seu estudo.
3 Com justa causa o Rei a guerra toma,
E esforçado peleja, e valeroso,
Só por bem de seu Reino, e Patria amada.
4 Mas ao Tyranno só se poem diante
Grandissimos despojos, e riquezas,
Que das armas, que toma injustamente
Haver espera, com que se enriqueça.
1 O sabio Rei, benigno Salomão,

Pingit tyrannum in hunc modum:
Leo, inquit ille, rugiens,
Et ursus esuriens, malus
Princeps, popellum pauperem
Dilaniat, ac furens votat.
1 *His adde in alio item loco.*
Dum principatum assumpserint.
Sævi tyranni, stebilis
Gemet popellus, dum gravem
In servitutem proruet.
2 *Cumque impii surrexerint*
Hominis in antris abditi
Cursisque flebunt rupibus
3 *Se liberatum faucibus*
Paulus leonis prædicat,
Diri Neronis dum truces
Evasit incolumis manus.
4 *Suo ore Christus prodidit,*
Quid christianum Principem
Efficere deceat, Gentium
Imperia magna qui tenent
Dominentur illis, ht quibus
Summa est potestas, pro sua
Arbitrio exercet suos,
Vos inter haud sic certe erit,
5 *Vult ergo non tyrannide*
Rex regnum ut occupet suum,
Sed cuncta leniter regat.
6 *Pirata paucis dissipat*
Ac diripit latronibus,

Quos

Com estas palavras pinta o máo Tyranno:
He hum leão, diz elle, que bravea,
E usso faminto o Rei invicto, e máo,
Que o povo, e gente pobre despedaça,
E todo furiosamente o traga.

1 A estas palavras n'outra parte ajunta:
Quando tomão o injusto Principado
Os máos Tyrannos, com tristeza, e choro
O pobre povo geme, pela grave,
E dura subjeição, em que he mettido.

2 E quando os máos assim se levantarem,
Pelas covas, e rochas escondidos
Os homens, tristemente chorárão.

3 A grandes vozes, diz o grande Paulo,
Que da garganta de hum leão foi livre,
Quando das crueis mãos do cruel Nero
Se vio livre, sem damno, e sem perigo.

4 Disse por sua boca o mesmo Christo,
O que o Principe bom, e Rei Christão
Deve fazer, diz que os que tem imperio
Sobre os Gentios, que a Deos não conhecem
Estes como Senhores os dominem,
Estes, que tem nos seus summo poder,
Usem de seu serviço á sua vontade,
Mas entre vós assim não será certo.

5 Manda logo que não por Tyrannia
O Rei seu Reino occupe, e senhoree,
Mas tudo faça quieta, e brandamente.

6 O Cossairo com poucos ladrões rouba,
Damna, offende, destrue, e desbarata

Quos æquore in vasto invenit.
Multis tyrannus funditus
Prædonibus cuncta eripit,
Ditione regni amplissima.
1 *Cum Rege qui potest agi*
Bene, populo si sit male?

:⁂:⁂:

1 *Familia regnum maximæ*
Ut jure dicier potest;
Sic Regem oportet in suos
Habere patrisfamilias
Animum benignum et candidum;
Perinde si domestici
Tecto sub uno viverent.
2 *Nemo obloquatur regibus,*
Quamvis iniquos judicet;
In astra justos evehat,
Illisque rebus omnibus
Candore puro inserviat.
3 *Regum ex ministris sat potes*
Colligere, queis sint moribus,
Qualive mente præditi.
4 *Princeps ministros si bonos*
Legat, esse qui potest malus?
5 *Vis cuncta ad unguem dum exequi*
Tibi exhibes negotium,
Aliisque, nec multum id juvat.
6 *Præclara virtus est modus.*

Isso que no Mar largo vencer póde.
Mas com muitos ladrões o máo Tyranno
De todos ajunta assim, e em si consume
Toda a grande riqueza de hum grão Reino.
1 Como será o Rei bem affortunado,
Se o Povo seu for triste, e afligido?

:

1 HUm Reino não he mais q̃ huma grã fa-
(milia,
Se com razão assim chamar se póde;
Assim convem que o Rei benigno tenha,
Como Pai verdadeiro de familia,
Animo para os seus igual ao nome,
Assim como que todos n'huma casa
Vivessem todos familiarmente.
2 Ninguem dos Reis pragueje, nem maldiga,
Em que de os ter por máos possa ver causa:
Ao Ceo levante os justos com louvores,
E em todas as cousas obedeça
Com purissimo peito, e sã vontade.
3 Dos Ministros do Rei colligir podes
Facilmente quaes sejão seus costumes,
E a que o sprito tem mais inclinado.
4 Que se de bons o Principe se serve,
Quasi impossivel he que seja mão.
5 Se tudo queres curiosamente
Fazer, a ti, e a outros dás trabalho:
E nem com tudo assim muito aproveitas.
6 A mediocridade he grã virtude.

Nis-

1 *In hoc laborent maximè*
Nervosque tendant principes,
Juris ministros optimos
Habeant, ab illis maxime
Res tota pendeat. Hi manus,
Hi principum sint lumina,
2 *Cæcutiant si lumina,*
Quantæ ruinæ, quot mala
Hac cœcitate profluent?
3 *Pecuniam pro principe*
Impendere minimam putant
Cives honesti, sanguinem
Vitamque fundunt, nec suo
Satis animo faciunt tamen.
4 *Maior debet principi*
Plebs grata, si noscat pio
A Rege pacem, et omnia
Sibi evenire commoda.
5 *Divinitatis particeps*
Homo liber, homini subditur,
Hoc qui utitur moderamine
Juste, modeste, provide,
Divinus haud humanus est.
6 *Quo quisque vivit sanctius,*
Quo quisque justi amantior,
Regio et salutaris magis,
Hoc principi sit charior.
7 *Sit prima cura principis*
Res publica, hanc oculis gerat.
Hoc nil habeat antiquius.

Se-

1 Nisto principalmente só trabalhe,
E todas suas forças o Rei ponha,
Porque os Ministros todos da Justiça
Sejão perfeitamente virtuosos;
Pois delles todo hum Reino está pendendo,
Elles do Rei são mãos, do Rei são olhos.
2 Se estes olhos perderem a luz, e a vista,
Quantas ruinas, e quão grandes males
Todo o Reino terá desta cegueira?
3 Os bons, e leaes vassallos pouco estimão,
Por seu Rei verdadeiro, sua fazenda
Toda gastar, com sã vontade, e prompta,
Mas derramão o sangue, e dão a vida,
E com tudo isso não se satisfazem.
4 E ainda o Povo bem agradecido
Muito maiores cousas ao Rei deve
Se entende que do Rei justo lhe nasce
A paz, e todo o bem que della nasce.
4 Hum homem livre que da Divindade
Participante he, a outro homem serve.
Quem justamente deste regimento
Sabe usar, como provido, e modesto,
He divino por certo, e não humano.
6 Quanto vive cada hum mais santamente,
Quanto for da Justiça mais amigo,
E ao Reino, e ao bé commum mais proveitoso,
Tanto do bom Rei será mais amado.
7 O primeiro cuidado do bom Rei
A Republica seja, esta nos olhos
Traga sempre, esta estime mais que tudo:

1 *Secunda sano in corpore,*
Mens sana degat, ita sibi
Adjunget animos omnium.
2 *Regemque regum maximum*
Facilem ac benigum sentiet,
Rebusque propicium suis.

FINIS.

1 O segundo cuidado, que em são corpo
Tenha sempre alma sã, e assim as vontades
Facilmente terá certas de todos.
2 E assim o grande Rei dos Reis em tudo,
Sentirá brando, facil, e benigno,
E será a tudo o seu sempre propicio.

FIM.

A ELREI D. SEBASTIÃO.

Quem póde accrescentar a luz ao dia?
Que luz ante o Sol claro resplandece?
Que juizo, grão Rei, já não escurece
Ante este sprito que em Ti o Ceo nos cria?

Tu serás Sol, e norte, e luz, e guia
Ao Mundo que mais claro já parece,
Mas em quanto a manhã bem não esclarece,
Aparta Teive a nuvem que a cobria.

Em quanto nessa idade mais non cabe
Sigue o caminho que te vai abrindo
O teu bom Teive á immortalidade.

Sómente Deos ser por si só sabe:
Tu irás por taes meios descobrindo
Ao novo Mundo huma nova claridade.

Antonio Ferreira.

A DIOGO DE TEIVE.

HUm peito do que deve desejoso
Como póde esconder, ó Teive charo?
Como non dará fruito hum engenho claro
N'um esprito do bem commum zeloso?

Ao grão Sebastião Rei milágroso
Dado do Ceo por commum bem, e amparo,
Em tudo desejaste ver tão raro,
Que o tenhão já na terra por glorioso;

Dás-lhe para isto exemplos, e doctrina,
Com que a toda virtude se levante,
Para nós a elle, e a nós para elle ensinas.

C'o estas lembranças de teu peito dinas,
Farás que o amemos mais, e qu' elle avante
De todos os Reis ponha as santas Quinas.

Pero d'Andrade Caminha.

RE-

JACOBI TEVII LUSITANI INSTITUTIO SEBASTIANI PRIMI FELICISSIMI LUSITANIÆ REGIS AD FRANCISCUM DE SA' VIRUM CLARISSIMUM.

Sacris fluenta vatibus Parnasides
Reserate, Musæ, prodeant a fontibus
Vestris liquores, corda queis rigent sua
Clari Poetæ, quos velut miracula
Naturæ, ad astra tollat ætos postera.
Quibus superba perlibenter Mantua,
Cedatque Homerus, cui libenter cæteri
Cessere Vates. Magna et admirabilis
Materia vestris panditur conatibus.
Scriptore tanto Thetidis quondam puer
Felix fuisse creditur, felicior

Se-

REGRAS PARA A EDUCAÇÃO DE ELREI D. SEBASTIÃO DIRIGIDAS POR DIOGO DE TEIVE A FRANCISCO DE SA'.

DOutas habitadoras do Parnaso,
Manifestai agora aos Poetas
O sagrado licôr das vossas fontes,
Com que os seus corações, e engenhos banhem;
Tal, que o futuro tempo, como a cousas
Dadas da natureza para espanto,
Até ás claras Estrellas os seus nomes
Com perpetuos louvores alevante:
E que as palmas lhe dem alegremente.
Mantua do seu Virgilio inda soberba,
E o Meonio Poeta honra dos Gregos,
A quem todos os outros, e sem injuria,
Concedêrão vantagem alegremente.
Larga materia aqui alta, espantosa
Hoje a vossos engenhos se offerece
De sobrenaturaes merecedora.
Se o tempo antigo teve por ditoso
Ao magnanimo Achilles, porque teve

Sebastiano Rege scriptor ille erit,
Æquare tantis scripta qui factis queat.
Quis polliceri summa non ausit sibi
De Rege nostro a Rege cælitum dato?
Si cuncta retro mente volvat provida,
Quibus ille natus exiit Maioribus,
Quibusque Proavis, atque Avis, quos aurea
Virtus in alto collocavit cælitum
Solio beatos, queis satus parentibus,
Quantoque natus est Dei miraculo.
Ut expetitus omnium votis fuit.
Lapsisque rebus, ut datus suspiriis,
Lachrymisque fusis instar amnis prodiit
In lucem, ut animis effugaret nubila,
Et sublevaret mæsta pectora omnium.

Qui

Hum tão alto Escriptor das suas obras,
Quanto se deve ter por mais ditoso
Quem seu verso empregar nos grandes feitos,
Que do grão Rei Sebastião se esperão,
Se de Apollo alcançar tanto que possa
Fazer o Canto igual a tal sujeito.
Quem não terá spirito, e ousadia
Para se prometter cousas mui grandes
Do nosso invicto Rei, que por bondade
Do Summo Eterno Rei foi concebido;
Se quizer revolver no pensamento
A memoria de seus Antepassados,
E quaes são os Avós de que procede,
Cuja heroica virtude, e santas obras,
Lhe derão lá no Ceo eterno assento.
Se quizer pôr os olhos cá mais perto,
Porque Pai, porque Mãi, porque milagre,
Permittio Deos que ao Mundo elle viesse,
Quam desejado foi de toda a gente,
E com quantos suspiros concedido
Por unico remedio da ruina,
Que as Lusitanas cousas receavão,
E com perennes lagrimas, bastantes
A fazer novos rios, novos mares,
Recebeo a vital aura, ditosa,
E trouxe nova luz, que desfizesse
Aquella tenebrosa noite,
Que os animos dos seus tinha occupados,
E désse novo alivio, novo alento
A'quelles desmaiados tristes peitos.

Quem

Qui mente volvet pristinum rerum statum
In utero ut ille Matris infirmitissimæ
Adeo tenellæ ætatis, adeo languidæ
Obitu recenti Conjugis charissimi,
Qui vix ephebis cesserat, cui candidas
Lanugo malas non satis adhuc tinxerat.
In utero ut ille manserat juvenculæ,
Parente puero procreatus, invida
Quem Parca nobis eripuerat, pauculis
Diebus ante. Hæc ista qui revolverit,
Ac mente cogitarit, atque illum suis
Perspiciat oculis, oris excellentia
Mirabili astris nocte candicantibus
Similem micante: prorsus illum intelliget
Huic esse Regno traditum a Summo Deo,
Ut illud omni decore, et omni gloria,
Summisque cumulet, ornet, augeat bonis.
Pressumque densis nubibus tollat caput
Regni potentis, quod trophæis extitit
Lybicis beatum, dum novi orbis barbara

Non

Quem pozer no passado o pensamento
No estado a que as cousas já chegárão,
Quando estava encerrado elle no ventre
De sua fraca Mãi, de tenra idade,
A qual n'alma sentia o apartamento,
A triste, e apressada, e fresca morte
Daquelle seu suave, e amado Esposo,
Cujos annos tambem erão tão poucos,
Que inda então começava a Natureza
Orñar com loura côr o branco rostro.
Quem cuidar da maneira que elle estava
No ventre d'huma Moça inda escondido,
De moço Pai gerado, o qual a Parca
Invejosa, e cruel, antes muì pouco,
Nos tinha d'entre as mãos arrebatado.
Quem isto imaginar com diligencia,
E por seus olhos vir a formosura,
E o grande resplendor daquelle rostro.
Que ás Estrellas parece similhante,
Quando a noite se mostra mais serena,
Entender poderá bem claramente,
Que elle por Deos foi dado a este Reino.
Porque em todolos bens, glorias, e honras
O accrescente, encha, honre, e enriqueça,
E levante a cabeça deste Reino,
Sempre tão poderoso, ora opprimida
Com muitas, e grandissimas tristezas,
Que n'outro tempo já de mil vitorias
Africanas entrou triumfadora,
Em quanto do oriental, e novo Mundo

Nondum reperta goza, nec libidinis
Opes alumnæ, nec piper, et aromata,
Et pharmaca alio ab axe per vasta æquora
Avecta, in aliud cœlum, ut alius hominibus
Natura, et ipsis differentibus cibis
Prodesse possent, quam bene, ipsi viderint
Sed his carere Christiana Gens sine
Dispendio ullo, commodo magno potest.
At suave Gentes sic ferant Christi jugum,
Et advocentur ad gregem Summi Dei.
Nunc ille nobis Rex datus miraculo,
Late patentis Indiæ fines sua
Virtute terminabit, orbis finibus.
Huic claras olim victor addet Aphricæ
Nobis molestæ fertiles, et uberes
Glebas, ut illis vacua possit horrea
Implere Lysa possit, et Genti sua

Cum

Não descubrio os barbaros thesouros,
Nem as varias riquezas que em si cria,
Que são sustentadoras da cubiça
Abatedora de animos heroicos;
De espiritos altos, grandes, e esforçados;
Nem pelo largo mar tempestuoso,
Com mais risco da vida que proveito,
Se trazia a canella, e a pimenta;
Do Lusitano sangue espargidora,
Cravo, drogas, nem cheiros; e outras cousas
Que produzem os ricos Indo, e Ganges,
Lá onde o claro Sol seu carro accende
Até ao salgado reino onde se esconde,
Para com isso aproveitar a gente;
Que estas cousas não tem de natureza,
Nem tinhão em costume estes manjares.
Se isto foi bem, ou mal, elles o vejão.
Mas quem professa a santa lei de Christo
Bem póde carecer destas delicias,
Com grão proveito seu, sem nenhum damno,
Mas seja isto caminho para a gente
Infiel receber o doce jugo,
De quem por elle deu seu puro sangue,
E ao Povo de Deos ser reduzida.
Agora aquelle Rei, que por milagre
Nos foi dado, fará com seu esforço,
Que os termos da espaçosa larga India
Se acabem lá onde o Mundo os seus acaba.
A isto ajuntará com gloriosas
Vitorias a infiel terra Africana,

Cum laude summa, parere summa commoda,
Francisce, nostrum hoc lumen unicum, tuæ
Patrumque curæ sedulæ sic credidit
Regina sapiens, Patruusque maximus,
Qui Regni habenas dexteris gerunt suis,
Rerumque summam mente provida regunt.
Tantamque molem, sarcinam tantam ferut,
Orbique possent imperare maximo,
Si maximus eis Orbis esset creditus.
Charum Nepotem tradidere sic tibi,
Clarisque Patribus optimi Regni viris,
Ut spem, ac salutem publicam in vestra manu
Sitam esse ducant. Ergo vos nunc maximè
Vigilis oportet esse, ne tener imbibat
Animus, quod olim publicis rebus queat
Obesse, culpa contigisse quod Patrum

Do nome Lusitano unica imiga,
Fertil de mantimentos, e abundante,
Bara que delles possa Lusitania
Encher os seus celeiros largamente,
E assim a seus naturaes alcançar possa
Com grande louvor seu grandes proveitos.
Generoso Francisco, este só lume,
Que nosso bem sustenta, e esperanças,
Entregue foi a ti, e a outros nobres
Pela sábia, prudente, alta Rainha,
E pelo inclito Principe seu Tio,
Que o Sceptro agora tem felicemente
Do Reino, que para elle tem guardado,
Os quaes erão por si merecedores
De mandar outro mór, e novo mundo,
Se outro mundo maior lhe fora entregue.
Ella o Neto entregou, elle o Sobrinho,
(Hum só contentamento, e gloria d'ambos
E esperança geral de toda a terra)
A ti, e aos outros grandes qu' escolhêrão
Para que em vossas mãos estejas posta
Esta commum saude, e esperança.
Agora vos convem perder o somno,
Não descançardes hora, nem momento,
Para que em quanto a idade está disposta
Para imprimirdes nella o que quizerdes,
Não se affeiçoa a cousa que no tempo
Futuro possa á terra ser damnosa.
Porque sem falta então o furioso
Povo, que nunca pôz freio na lingua,

Sol-

Tua quæ vulgo ab omnibus putabitur.
Natura siquidem non potest mitissima
Non esse in illo, cujus os pulcherrimum,
Et forma propè divina nobis cernitur,
Radice ab illa nec quidem nasni potest
Nisi optima arbor, quæ ferat fructum optimum
Modo adsit institutio sancta, ac pia,
Modo ductor adsit certus incertæ viæ,
Obliqua qui devitet, ac recta doceat,
Qui digna tanto Rege tradat dogmata.
Jurgare citra injuriam qui norit, et
Qui citra adulandi venenum, laudibus
Ornare meritis, quem tenellus Rex amet
Ob comitatem, gratiam, ac modestiam,
Quemque vereatur ob severos, ac pios
Sanctosque mores, vita quos fert integra:
Exempla ob oculos Regis illustrissima

Po-

Solto reprendedor de alheios vicios,
A ti só porá a culpa de seu damno,
E aos que o mesmo cargo tem comtigo.
Porque não he possivel que naquelle,
A quem dotou a sabia Natureza
De huma quasi divina formosura,
Falte huma condição branda, amorosa,
De todo o bem capaz, e acceitadora.
Nem aquella raiz de si dar póde,
Senão singular planta que produza
Maravilhoso fruto della digno,
Com tanto que não falte a estes principios
Huma instituição prudente, e santa,
E ao officio que espera accommodada.
Nem lhe falte huma guia boa, e certa
Que lhe mostre o caminho ainda incerto.
Que o aparte do máo, o bom lhe ensine,
Que preceptos lhe dê, de tal Rei dignos,
Que saiba reprendello sem escandalo,
Saiba louvallo sem lisonjaria,
(Peçonha aos Reis mortal, mal entendida)
A quem ElRei já nesta idade tenra,
Pela modestia, graça, humanidade,
E natural brandura, se affeiçoe,
E pelo resplendor dos bons costumes,
Quaes dá de si huma vida pura, e limpa,
Lhe tenha acatamento, e reverencia.
Exemplos singulares ante os olhos
De Reis antepassados lhe apresentem,
Principalmente aquelles, com que os grandes

Avós

Ponantur, illa maximè quibus atavi
Clari extitere, ac celsi Olympi fulgidum
Adiere culmen, regiam Æterni Patris:
quæ firma nulla ætate corrumpi potest,
Beata in omne seculum, et constans manet.
Perfecta ab omni parte vita, criminis
Conspersa nulla labe Avi integerrimi
Joannis, æmulationis gloriæ
Ponatur ergo, ut omnibus bonis suæ
Regna cumulaait, omnium ut felicibus
Votis beatus vixerit, suspiriis
Ut omnium interierit, interire si
Dicatur ille, cujus haud fama interit:
Cujusque nomen sempiternum permanet,
Regnatque lætis Angelorum cœtibus.
Cum prorsus omni pectus est labe vacuum,
Inserere in illud quod velit, doctor potest:
Cum rasa tabula est, pinget Iphis quæ volet,
Cum tenera virga, verte quam in partem libet:
Cum cera mollis, facere quod libet, licet.

Omnia

Avós donde procede, merecêrão
Subir ao alto Ceo resplandecente
Do sempiterno Pai eterno assento.
No qual não tem poder o largo tempo,
Nem sente corrupção a sua gloria,
Mas fica para sempre firme, e certa.
E por não ir mais longe, lhe apresentem,
Ante os olhos aquella pura vida
De toda a perfeição tão abundante,
Sempre de toda a culpa tão alhea,
Que não acha a inveja em que lhe morda,
Do seu illustre Avó, que dos Joannes
O terceiro lugar teve no Reino
Porque imitador de huma tal virtude
A louve sempre, imite, e favoreça.
Veja como elle encheo de bens a terra,
Como sempre viveo felicemente
Com desejo geral da sua vida,
E como com geral dòr, e suspiros
Em mãos do Creador rendeo o sprito,
Se se póde dizer que aquelle morre,
Cuja fama na terra fica eterna,
E elle reina c'os Anjos para sempre.
Em quanto hum tenro peito está vazio
De más inclinações, de más vontades,
O que tiver a cargo doutrinallo,
Póde quanto quizer semear nelle.
Iphis pinta o que quer na lisa taboa,
Volve-se a qualquer parte a tenra vara,
Capaz está de tudo a molle cera,

Tu-

Omnia tenellus lacte cum nutriculæ
Exugit infans, omnia ediscit libens,
Modo Rector adsit, ac Magister providus,
Momenta rerum, ac temporum qui calleat
Stillare vasis oris augustissimi
Tenuem liquorem qui probe edoctus siet.
Infusa primum in omne adhærent seculum,
Ut primum odorem dolia retinent nova.
Cum se ipse Principem nondum capit
Digna est docendus Principe, ut discat prius
Regna moderari, se esse quam Regem putet.
Tunc ille ab omni labe vitii pellitur,
Ac tum docetur tramitem rectum sequi.
Sed tempus aliud forte si expectes, mora
Nocere poterit serior. Vel legi,
Vel educari Regem oportet a suis,
Sed educari satius esse existimant,
Quorum probatur optimis sententia.
Hunc educari cum tibi felicitas
Regni ipsa dederit, hunc vigili animi præcor
Studioque serva, maius hinc paries decus

Fran-

Tudo bebe c'o leite a branda idade ;
E tudo então aprende facilmente ,
Se tem Mestre prudente , e que conheça
As conjunções dos tempos , e das cousas ,
E que saiba estilar com muito tento
Pouco a pouco hum licor suave , e brando.
Como convem a hum estreito vaso
A primeira affeição essa he a que dura
Da maneira que soe o vaso novo
Conservar para sempre novo cheiro
Daquillo que primeiro em si recolhe.
Em quanto o Rei não tem conhecimento
Do seu Real poder , e dignidade ,
O hão de instruir em cousas de Rei dignas ,
Porque antes de ser Rei conheça , e entenda ,
Aprenda bem a governar seu Reino.
Porque de todo o mal então o apartão ,
E a seguir o que he bom fica ensinado.
Mas se para outro tempo isto se guarda ,
Póde ser a tardança perigosa ,
Que commummente os Reis são escolhidos
Dos seus , ou com devido amor criados ;
Mas commum parecer he dos mais sabios ,
Que ser criados he mais proveitoso.
Pois a felicidade deste Reino
D'ElRei a criação a ti commette ,
Eu to peço , e to pede toda a terra ,
Que com summo desejo , e vigilancia
O guardes , o conserves e o doctrines ,
Como lhe a ella releva , e a ti mesmo.

Que

Francisce' tibi, quam si catervas hostium
Victor superbas Marte devincas fero.
Devictus hostis maximum Patriæ adimit
Fatcor periclum, Rex beatus ac pius
Patriæ levamen, spes, quies, solatium,
Salusque tota est, fontis aureum jubar
Qui monstrat, unde tot fluenta permeant
Virtutis, ille promeretur maximos
Felix honores, quos parum gratus animus
Si non rependat hominis, ille impertiet,
Ac largietur, qui perennis omnium
Fons est bonorum, summa qui laboribus
Parata honestis dona munificus habet.
Hoc ergo munus omnium pulcherrimum
Tibi ipsa Regni quod dedit felicitas,
Tuere quæso, pro tua sapientia
Magnis vigiliis. Omnia hic pericula,
Omnesque circum nunc timores imminent.
Arbor tenella sternitur parvo impetu
Afflantis Austri: firma dum radix manet
Altisque terræ viscribus affigitur
Eruere nullus sævientium furor
Illam Notorum poterit· Hu quot curiæ

Re-

Que daqui ganharás muito mais honra,
Que sendo vencedor de mil batalhas.
Quando o imigo he vencido (eu confesso)
Fica de grão perigo a Patria livre,
E do felice Rei que agora temos,
Pende o allivio, o descanço, a esperança,
Toda a saude, gloria, e bem da Patria.
Quem descobrir a este com verdade
Aquella clara fonte donde manão
Tantos rios correntes de virtudes,
Este he merecedor de grandes honras,
As quaes se lhe na terra são negadas,
Onde os peitos são mal agradecidos,
Perpetuas lhas dará aquelle eterno
Senhor, de todo o bem perenne Fonte,
Certo galardoador das santas obras,
O qual aos bons trabalhos, merces grandes
Lá tem com larga mão aparelhadas.
Pois este cargo tal de tanta honra,
E de tanta importancia, que a ti dado
Foi da felicidade deste Reino,
Serve com grão cuidado, e vigilancia,
Conforme ao grão saber que em ti se encerra.
Todo o medo está aqui, todo o perigo;
Porque em quanto está nova, e tenra a planta,
Pequeno vento basta a derriballa;
Mas depois que a raiz firme penetra
O coração da terra alto, e profundo,
Tão seguro então fica, que não póde
Fazer nella impressão a furia do vento.

Ah,

Regum tumentes ac feros haben t Notos.
Quantis procellis hinc et inde impellitur
Bene nata virtus Principis, qui nascitur
Quique educatur splendidis Regum thoris.
Tot inter illecebras, tot inter (libere
Quod sentio loquar) tot voluptatum rogos
Queis cauccrematur ægra mens mortalium,
Nisi rector adsit optimus, corrumpitur.
Regina sapiens est velut miraculum
Probitatis ac modestiæ, quam cœlitum
Parens reliquit pene lapsis omnibus
Jam rebus, illa quæ sua prudentia
Tot Regna sublevaret, est illi additus
Socius regendi, amore frater sanguine
Propemodum, honore purpuræ insignis quidem
Virtute multo magis, id omnes clarius
Luce intuentur, non tamen quis audeat
Negare Regiam esse Curiam, malis
Quæ cincta multis, multa vitia perfovet.

Sed

Ah, de quão furiosos, quam inchados
Ventos cheias estão dos Reis as casas!
E de quantas tormentas perigosas,
Que naufragios crueis de si promettem,
He combatida d'huma, e d'outra parte
Aquella alta virtude, e bem nascida
Do Principe que nasce, e que se cria
Nos sumptuosos, brandos, Reaes leitos,
Que entre tantas delicias, e branduras
(Livremente direi nisto o que entendo)
Entre tamanhos fogos de deleites,
De pensamentos bons consumidores
Forçado se damne, e se corrompa
Senão tiver fiel, e santa guia!
Esta lhe he a Rainha, que ao Mundo
De modestia, e bondade he quasi espanto,
A qual Deos quiz deixar para remedio
Das cousas que de todo hião cahindo.
Aquella que com sua alta prudencia
Mil Reinos governar assás bastára,
Tomou por companheiro do Governo,
Aquelle Henrique Principe excellente,
Que no amor lhe he irmão, no sangue quasi,
E de honra principal no Mundo he insigne;
Nas muito mais insigne nas virtudes.
Isto vêm todos nelle claramente,
Porém não ha nenhum que negar ouse,
Que assim como está grande, e Real Corte
Está de muitos males rodeada,
Assim tambem mil vicios em si cria;

Pa-

Sed pauciora cæteris aulis tamen,
Quas esse scimus cæterorum Principum.
Ergo ille Princeps, qui regendis maximis
Est natus Imperiis, ab incunabulis
Caute educetur, ille tota cui salus
Innixa Regni est, ne malas statim imbibat
Opiniones lacte cum dulcissimo,
Vitare cætus si puellarum nequit,
Probas, modestas, temperantes audiat,
Fugiat procaces, impudentes, garrulas.
Et seligendi sunt bona sati indole
Pueri, protervam, inane, stultum, incoadium
Nil afferentes, candidi, grati, probi,
Quos ipse rector, si quid immodestius
Dictum esse, factumve videat, verbo interim
Corripiat, ipsa et virgula censoria,
Procacitatis pulverem quæ discutit,
Stultumque purgat pectus, ac situm fugat
Segnitiæ, et istis ingerit contraria.
Rabies leonis efferata ponitur
Supplicio iniquo, quod catello infligitur

Nil

Porém são muito menos que os que crião
Todas as outras Cortes do Universo.
Pois aquelle alto Rei, que foi nascido
Para reger do berço grandes Reinos,
De quem pende a saude desta terra,
Cumpre com muito tento ser criado,
Porque com doce leite juntamente
De más opiniões o fel não beba.
Se não lhe for possivel apartar-se
Das conversações brandas, e suaves
Das mulheres, que quanto tem mais disto,
Tanto lhe podem ser mais perigosas,
Deve-se trabalhar, porque converse
As que forem modestas, temperadas,
Fuja das que contrario disto forem.
Tambem cumpre que sejão escolhidos
Os moços de que andar acompanhado,
Avisados, honestos, vergonhosos,
Sem más inclinações, sem máos costumes,
Aos quaes o mesmo Aio, se vir nelles,
Ou dito, ou obra má, ou pouco digna
De tão alto lugar, de tal Pessoa,
Com palavras reprenda, e com castigo,
Certo reprimidor de semvergonhas
Em peitos pueris que delles lança
A natural preguiça, e ignorancia,
E que o contrario disto infunde nelles.
A furia do leão fero, indomavel,
Se diminue muito, e se quebranta,
E mil vezes tambem se domestica,

Nil tale commerenti: at atra immanitas
Dum perstat, ipsi nec leoni parcitur,
Et quas meretur impius pœnas luit.
Nunquam labascet regia incedente via
Modo luce clara, oculis apertis ambulet,
Dominaque rerum dux regat sapientia,
Sitque moderatrix omnium, et certus scopus.
Pudore vellem libero pueros regi,
Sed comitati adhæreat severitas
Honesta morum, auctoritatem quæ parit.
Ut dira pestis mollis assentatio
Vitetur, aulas quæ incolere Regum solet,
Et Principum animos labe ceu fœdissima
Corrumpit. Omnium architecti criminum
Scurræ fugentur, qui nihil nisi improbum,
Stultum, atque inane vanũ, et arrogans vomunt
Factus superbos præ se et impudentiam

Se vê outro animal manso, innocente,
Ante si receber qualquer castigo,
O qual por suas obras não merece;
Mas o que he tal qu' inda isto lhe não doma
A brava, e natural ferocidade,
Depois nem ao leão mesmo se perdoa,
E assim recebe a pena que merece.
Nunca póde cahir quem por caminhos
Reaes andar, com tal que ande de dia,
E que os olhos não cerre á claridade,
Nem elle mesmo a si se faça sombra,
Mas que traga por guia a sapiencia,
(A qual tudo governa, e tudo manda)
E seja o alvo a que tire em suas obras.
Brandamente criados quero os moços,
Mas que a brandura seja acompanhada
De costumes honestos, e severos,
Os quaes dão de si sempre authoridade.
Vitem-se com fervor lisonjarias,
Mortal peste que mata docemente,
E nas casas dos Reis tem seu assento,
E he de animos Reaes corrompedora.
Entrada não se dê a Chocarreiros,
Que são de todo o mal fabricadores,
Dos quaes, como de fontes, manão sempre
Maldades, arrogancias, vaidades
De nescidades mil acompanhadas.
Quanto mostrão de si estes malditos,
Soberbos faustos são, e sem vergonhas.
Não amão mais que a si, e a seus deleites,

Ferunt maledici, se, suasque diligunt
Solum voluptates, et his se maxime
Intemperantes applicant, has ceu Deum
Venerantur ipsum, regiumque existimant
Affluere rebus, ut volupe sit animo.
O curva in atrum pecora cœnum, inania
Terræ onera! hos tam splendidum cœli jubar
Suspicite, rebus vos satos maioribus
Quam pulveri isti credite, et vobis Deum
Certum omnium felicitatum terminum
Proponite, hæc ludibria aspernamini:
Quæ cæca vobis imminens mors obruet.
Hos ergo scurras abige. Nam coluber molus
Viridi sub herba latitat, hæ mollissimæ
Voces, veneno plenæ obesse plurimum
Possunt tenello pectori. Iracundiam
Paulisper horum vocibus cæcam imbibent,

Et

E sem modo, nem regra a estes se entregão,
E como a Deos os honrão, e os venerão,
E hão que he cousa real, grande, e famosa
Ter do todalas cousas abundancia
Para gastar a vida em passatempos.
O' brutos animaes, baixos immundos
Da terra que habitais, do Sol que vedes,
Dos membros que vos regem inda indignos,
E sempre a immundicias inclinados!
Ponde os olhos no Ceo claro, e formoso.
Entendei que para outras móres cousas
Não para estas baixezas fostes feitos:
Tomai por fim a Deos, o qual de todas
Felicidades he fim, e principio,
E desprezai essoutras vaidades,
Que hão de acabar ao menos c'o a vida.
Estas se vendem pois com muita instancia
Porque debaixo da herva fresca, e verde
Escondida está a cobra peçonhenta;
Estas palavras brandas, e suaves,
Que por dentro vem chêas de peçonha
Podem trazer grão damno a hum tenro peito,
Porque o animo, a quem a pouca idade
Inda não dá lugar para que entenda
O mal que nesta gente está encerrado,
Facil cousa será, antes mui certa
Com tal conversação, com taes palavras
Pouco a pouco beber huma cega ira,
Vicio, que entendimentos escurece,
E que tira á razão sua valia,

He

Et arrogantiam, et impiam tyrannidem,
Vanosque faustus, ac tumores turgidos
Animi impotentis. Pestis assentatio
Damnosa cunctis, Regibus vel maxime,
Quod effugare Regia ut monstrum queas
Virtute magna, et robore excelsi animi opus.
Conflabis odium, fateor, haud parvum tibi
Francisce, tantam si luem subegeris.
Sed magnæ ab ista profluent victoriæ
Felicitates, maximum hinc decus tibi
Nomenque paries, si magistros criminum
Virtute constans hos abegeris procul.
Si Regum ab aulis fugeret assentatio,
Officii et ipsa pestilens simulatio,
Quæ palpum inique obtrudit, et locum illius
Simplex subiret veritas, quod sæculum
Et quam beatum rerum haberemus statum?
In his morari quid juvat diutius?
Rer nota tibi sat est, malis sermonibus
Mores modestos, labe, ceu turpissimæ
Corrumpi, ab ista parte tanta cum malæ
Instent, cavendum, ne dolore serius

Ina

He beber tyrannias, e arrogancias
Soberbas, vaidades, e pesadumes
Inimigos mortaes de Reaes peitos.
Outra vez te encõmendo aquella peste
Tão perigosa a todos, tão damnosa,
E muito mais aos Reis, lisonjaria.
E se tu com grão força, e grão virtude,
(Que são obras do teu heroico sprito)
Dessa Casa Real tal monstro lanças,
Generoso Francisco, grandes odios
Alcançarás da hi, eu to confesso;
Porém tal ha de ser o nome, a honra,
A bemaventurança, a gloria, o gosto,
Que sempre ha de manar desta vitoria,
Que a troco d'outros odios inda móres,
Se maiores os póde dar a vida,
Não haverias que era mal comprado.
Se nas Cortes faltassem lisongeiros,
Os quaes só de mentiras se sustentão,
De enganar, de fingir, de fallar sempre
Conforme á inclinação de seus Senhores,
Louvando o bom, e o máo sem differença,
E entrasse em seu lugar huma verdade
Singela, pura, santa, amiga, e branda,
Quam felice seria então o tempo,
E o estado tambem das nossas cousas?
Mas porque faço eu nisto mais demora;
Mui bem entendes tu que os máos colloquios
Corrompem facilmente os bons costumes,
E pois que desta parte se arreceão,

Inani agamur pœnitentiæ, nihil
Tandem juvantis: providendum in tempore est.
Quid attinebit capere clypeum vulnere
Accepto, et ipso jam peracto prælio
Consulere? Rebas integris perutile.
Postquam atra cœpit corpori hærens serpere
Et finere pestis ad meatus intimos
Membrum secari oportet. Interim puer
Cum dulce ferre poterit, et blandum jugum
Regentis, omnem occastonem sedulo
Peccandi adimito; quod quidem jam firmior
Non patitur ætas. Perspicacibus oculis
Debet, tueri tanta cui provincia
Commissa fuerit, studia quæ placeant magis
Quibus ille mentem rebus intendat suam.
Quo vergat animus, quod satis notum patet,

Quod

E quasi estão á vista tantos males,
Trabalhar-se convem que ao diante
Não choremos em vão depois que virmos
Que o arrependimento vem já tarde,
Quando o mal penetrou já até os ossos,
E não soffre remedio, nem conselho.
Cumpre com tempo ser remediado,
Porque depois que o duro, e imigo ferro
Penetrou cruelmente até ás entranhas,
Pouco aproveitará tomar o escudo,
E depois da batalha ser vencida,
Pouco aproveitará tomar conselho;
Porém em quanto as cousas são inteiras,
Ella he a mais proveitosa, e necessaria.
O membro que de todo está corrupto
Com prejudiciaes, e negras herpes,
Cumpre com diligencia ser cortado,
Por tolher outro mal mais importante.
Em quanto o moço he tenro, e está disposto
Para soffrer o doce, e brando jugo
Do que tem a seu cargo doutrinallo,
Tira-lhe com cuidado, e com instancia
Toda a occasião de erro, inda que leve,
Porque o não soffrerá na mór idade.
E aquelle, a quem se der este tal cargo,
Deve sempre de olhar com claros olhos
A que cousas elle he mais inclinado,
Para que parte pende o seu desejo,
E quaes occupações mais continúa,
O qual está por si bem conhecido,

Quod ipsa certis indicat signis parens
Natura, nec laboriosè colligit
Cautus Magister: Alter est propensior
Cæcum ad furorem mentis, iracundiam,
Alter tumentes spiritus superbiæ
Præ se videtur ferre, in alio cernitur
Fames habendi maior, alium gloriæ
Trahit cupido, forte in alio perspicis
Ad aleam, libidinem, tyrannidem
Proclive pectus: diligenter providus
Omnia Magister cernet, ac medicamina
Suaque cuique morbo adhibeat, ut morbo gravi
Periculosa, sic levi levia applicet.
Inculcet illa dogmata, illis artibus
Regale pectus muniat, quæ pellere
Et expiare vitia possint turpia,
Inserere honesta. Quanta Regis dignitas,
Quantisque fulcienda sit virtutibus,
Fida frequenter aure capiat, ac sibi
Persuadeat, virtute nil præstantius,

Tur-

E qualquer bom juizo sem trabalho
O poderá entender bem claramente,
Que a mesma Natureza Mãi de tudo
Com mil certos signaes o está mostrando.
Hum he de natureza apassionado,
E o lugar da razão entrega á ira;
Outro dá grandes mostras de soberba,
D'esprito vão, e de animo inchado.
N'outro vendo-se está huma cubiça,
Huma fome de ter insaciavel;
Outro se está entregando a hum vão desejo
De alcançar gloria, honra, fama, e nome,
E n'outro inclinação vês claramente
De taful, sensual, ou de tyranno.
Tudo o próvido Mestre veja, e alcance,
E applique a qualquer mal os seus remedios,
Os leves á doença que for leve,
E á que for perigosa os de mais força.
Em taes artes instrua, em taes preceitos
Esse Peito Real, que por si possão
Os vicios desterrar, e os máos costumes,
(Se caber podem n'huma natureza
Que por herança tem toda a bondade,)
E introduzir o bom, honesto, e santo.
Faça-lhe sempre ouvir quanta, e quão alta
Dignidade he d'hum Rei, quanto lhe cúpre
Trazella acompanhada de virtudes.
E faça-lhe tambem persuadir-se
Que não ha melhor cousa, mais formosa,
Mais nobre, mais honrada que a virtude.

Ne-

Turpique vitio fœdius, et indignius.
Si forte visus sit tibi tenacior,
Extolle liberalitatem regiam.
Vindictæ amator si siet, clementiam
Evehito in astra, si suis indulgeat
Intentiori mente deliciis, doce
Spectare cunctos Regis exemplum sui,
Illaque imitari studia: queis se dedere
Ipsum intuentur? maximo omnium malo
Peccare Regem, plura in uno crimine
Peccata inesse, qui sibi et peccat suis.
Ut quæ modeste, temperanter, provide,
Caute, benigne, fecerit, maioribus
Sunt efferenda, ac prædicanda laudibus,
In luce posita, quæ velut sublimibus
Locata montium jugis clarissime
Cuncti intuentur. Gravibus his sententiis
Exempla junge maximorum Principum,
His necte gratas fabulas, quæ recreant
Puerile pectus, et bono exemplo docent
Virtutem amare, odisse crimen, ac scelus.

Mul-

Nenhuma pelo contrario outra mais fea,
Mais torpe, e baixa, e vil, que qualquer vicio,
Nem do Real Estado mais indigna.
Se por ventura o tiveres por apertado,
A liberalidade louva sempre
Aos Reis conveniente, e necessaria.
Se mostra ser amigo de vinganças,
Poem-lhe sobre as estrellas a Clemencia.
Se intrinseca affeição tiver ao uso
De cousas brandas, molles, delicadas,
A visa-o que dos Reis exemplos tomão
Todos os seus, e sempre se affeiçoão
A'quillo a que os vem mais affeiçoados,
E imitadores são das suas obras.
Que os Reis com grande mal de todos peccão,
E que n'hum só peccado encerrão muitos,
Que para si, e tambem para os seus peccão.
Tambem por outra parte com louvores
Lhe celebra, engrandece, e lhe levanta
As obras que fizer com temperança,
Modestia, discrição, benignidade,
Com largueza, conselho, e soffrimento,
As quaes postas estão como nos cumes
Dos altos, descubertos, livres montes,
E vistas são de todos claramente.
Ajuntar-lhe-has com isto alguns exemplos
De Principes famosos d'outro tempo.
Tambem ajunta historias fabulosas,
Que a peitos pueris são agradaveis,
E com exemplos bons, inda que falsos,

Multa sapientum dicta, multa Principum
In ore habenda, multa tabulis Pingere
Juvabit, unde colligatur intimus,
Ardensque honesti amor, quo ad alta limite
Recto astra tendat: meta qualis sit boni,
Malique finis: maximis ut præmiis
A Rege summo afficitur ille, commodis
Qui se suorum dedit, ille Rex pius
Qui Regna Patriæ, non sibi cæcus, regit.
Sic gravibus illum suppliciis Regem affici,
Qui Regni habenas dextera incauta tenet,
Suæque potius impotens libidinis,
Quam publicorum commodorum curam habet.
Nunc offerenda sunt honesti præmia
Laboris, illa quæ suis statuit Deus.
Nunc terror opponendus, et certus dolor
Intemperantem conscientiam sequens.
Sequitur ut umbra corpus. Adde vinculum
Amoris arctum quo sui illum diligent,
Illumque capiti præferent charissimo,
Cunctisque rebus anteponent, ac ferent

Oc-

Lhe ensinão que ás virtudes se affeiçoem,
E de verdade os vicios aborreção.
Ensina-lhe a trazer sempre na boca
Muitos ditos de Principes, e sabios.
Muito aproveitará ver em pinturas
Mil cousas boas, donde tirar possa
Ardente amor do honesto, puro, e santo,
Co' qual direitamente ao Céo se sobe,
Donde do mal, e bem o fim entenda,
E que assim como aquelle Rei, que tanto
De piedade tem, e de virtude,
Que se entregou de todo ao proveito,
E ao bem do seu Povo, e do seu Reino,
Não reina para si, mas para a Patria,
Do summo Rei alcança grandes premios:
Assim tambem o Rei, que se descuida
No governo, e no bem da sua terra,
E com seus appetites tem mais conta
Que co' geral proveito da Republica,
Da mão de Deos recebe grão castigo.
Humas vezes lhe poem diante os premios,
Que Deos dá aos trabalhos dos seus servos;
Outras o grande espanto, o grão tormento
Que segue huma estragada consciencia,
Da maneira que a sombra segue o corpo.
Ajunta-lhe tambem aquelle grande
Amor, que lhe hão de ter os seus vassallos,
Que mais o hão d' estimar que tudo quanto
A vida póde dar que tenha preço,
E muito mais tambem que as proprias vidas,

Oculis. Ab ipso quanta vitio incommoda
Nascantur, auge quam potes gravissimis
Subinde verbis. Auribus nil Principis
Sonet tenelli quidpiam, nisi maximum
Deum colendum, qui benignus omnium
Dator est bonorum, lata qui dat Regibus
Moderanda terris Regna, quæ si publicæ
Memores salutis legibus sanctis rogant,
Diuturna tradet in supernis sedibus.
Cantinget aliquis durioris, ut ferunt,
Cervicis, haud spondendus animus, omnia
Vigil institutor sedula cura efficit.
Nulla adeo sæva, et efferata bellua est,
Quæ non dometur arte. Naturæ licet
Sit magna virtus, subjicitur industriæ
Moderantis. Ergo pectus indomitum trucis
Mitescet ursi, obedient rectoribus
Suis leones, arteque ediscent grave
Onus elephantes ferre, jussaque exequi.

In-

E a elle só trarão sempre nos olhos.
Após isto tambem com mil palavras
Urgentes, efficazes, de grão força,
Quaes te mostrar aquelle teu engenho,
Tão só, e raro ao Mundo, lhe exaggera
Quantos males de si produz hum vicio.
Nunca soe outra cousa nas orelhas
Dessa Real, ainda tenra idade,
Senão culto de Deos com amor santo,
Do qual todos os bens tem cá seu principio,
De cuja mão os Reis tem cá na terra
Os governos dos seus largos Imperios,
Os quaes se governarem com leis santas,
Com proveito geral, e bem de todos,
Lá no Ceo lhe dará eternos Reinos.
Se se achar por ventura huma tão forte,
Tão dura natureza, hum tal animo,
E tam mal á razão obediente,
Que não soffra doutrina, nem a acceite,
Contra este tambem val a diligencia,
A doutrina do Mestre, e o bom cuidado,
Que em fim o grão trabalho acaba tudo.
Não ha bruto animal tão indomavel,
Que com arte não mude a natureza,
Porque inda que ella tenha grande força,
Resistir nunca póde ás da industria,
Mas antes lhe ficou sempre subjeita.
Abranda-se com arte o cruel usso,
Os leões obedecem a seus mestres:
O crescido elephante, e voluntario

Ingenium at hominis mite, mansuetum, pium
Ad recta pronum qui reluctari potest
Honesta perdocenti? Inanis haud erit
Labor regentis, dux modo sapientia.
Adsitque studium, adsit amor, et vigilantia;
Ut cuncta studium perficitque industria,
Sic dissoluti negligentia pectoris
Cuncta labefactat. Nemo tam pravus quidem,
Mihi ut videtur, esse poterit, quem bonus
Non pertrahat Præceptor ad rectam viam.
Nec adeo quisquam comparatis omnibus
Natura ab ipsa rebus esse tam potest
Beatus, omni ex parte felicissimo
Ingenii acumine, ad bonum proclivior,
Quin possit ipsa distrahi recta via,
Ignavia, atque inscitia mali duce,
Natura læti quo soli fœcundior,
Hoc citius occupatur herbis noxiis,
Quas ni colonus sedula purget manu,

Be-

Soffrer com arte aprenda o grave pezo,
E fazer largamente o que lhe mandão;
Pois hum engenho humano, brando, affavel,
De natureza manso, e piedoso,
Inclinado ao bem, como he possivel
Que de honestos preceitos se defenda?
Nunca trabalhará em vão o Mestre
Se por guia tiver sabedoria,
Cuidado, amor, estudo, e vigilancia:
Porque assim como a industria, o trabalho
Tudo por obra poem, e tudo acabão,
Assim tambem o peito negligente:
E pouco industrioso, e descuidado,
Tudo damna, e corrompe, e nada acaba.
Nem póde haver algum (a meu juizo)
Tão errado, e tão máo, e tão perdido,
A quem o virtuoso, e douto mestre
Ao direito caminho não converta;
Nem tambem ha nenhum (pelo contrario)
Tão bemaventurado, e tão ditoso,
A quem a natureza orne de quanto
Póde communicar a qualquer homem,
E tenha inclinação ao que he virtude
De agudeza, de engenho acompanhada,
O qual co' a ignorancia, e co' descuido
Da má guia que vai de trás seguindo
Do caminho direito não se aparte.
Porque na melhor terra, e na mais fertil
Com maior pressa crescem as más hervas,
As quaes se o lavrador com diligencia

Benigna tellus fœtum inutilem feret.
Vis prompta mentis si expolita sit male,
Atque adeo cultu careat omni, inutiles
Fœtus reponet. Multa Principis animum
Recto instituto avertere ut possunt, ita
Bonorum in omne votum, et indulgentia,
Rerum potestas, ac furens licentia,
Et illa, de qua plura paulo ante egimus,
Nimis heu timenda mollis assentatio,
Ceu labe magni pectus infeflant ducis.
Ab his pericla impendeant cum maxima,
Quibus tumere Principis animus potest,
Decet in vigiliis esse, et illi assistere,
Illius, inquam, hærere lateri, nec pati
Nisi eruditos, candidos, probos viros
Frequenter illum adire, cunctis lusibus,
Quibus illa delectatur ætas, adsient
Proceres modesti, quos ut ille diliget,
Ita vereatur, in quibus sit suavitas
Auctoritati mixta, si verbum efferat,
Quod argui decebit, haud fas omnibus
Reprehendere, uni forsitan vel alteri
Hæc cura demandabitur, nec commode

Hoc

Não alimpa, não corta, não arranca,
Produz a boa terra inutil fructo.
A boa natureza, o bom engenho,
Se não for de bom mestre cultivado,
Tambem dará de si mato, e espinhos.
E assim como mil cousas ha que podem
Hum Principe arredar do bom caminho,
Assim lhe hão de mostrar o que he contrario.
Porque as sobegidões, as abundancias,
O cumprir sempre em tudo os appetites,
O poder, a licença, a liberdade,
E aquella, de que pouco antes fallámos,
Enganosa, e cruel lisonjaria,
Corrompe grandemente os Reaes peitos:
E como daqui nasem muitos males,
E muitos, e grandissimos perigos,
Com que hum Peito Real inchar-se póde,
Cumpre vigiar sempre: Acompanhallo,
E estar sempre a seu lado com grão tento,
Nem consentir em sua companhia
Homens, senão prudentes, de bom zelo,
Do commum mais amigos, que da propria
Os principaes da terra, e mais modestos
A quantos passatempos, quantos jogos
Aquella idade busca, assistão sempre,
A quem tenha elle amor, e reverencia;
Mas estes natural brandura tenhão
Junta com severa authoridade.
Se elle solta palavra, que mereça
Alguma reprensão, não cabe em todos

Pa-

Hoc munere omnes fungier recte queunt.
Natura nostra ad arguendum maxime
Est prona, verum efficere recte non potest
Hoc quispiam, nisi sapiens, nam temporis;
Et cæterarum rerum habendus est modus,
Tantæque majestatis, ac potentiæ,
Cui subditi omnes jure divino sumus.
Nunc forte quæris, Rege quos dignos putem
Modo esse lusus, hæc tibi velut cætera
Comperta non ignoro, sed quando lubet
Hæc nostra legere, sic habeto. Habet suos
Sua quæque lusus, ac jocos ætas quidem,
Verum cavendum ne malos indulgeas
Ætate in ulla. Chartularum atque aleæ
Ludi immodesti, Regeque indignissimi
Sunt semper habiti, grata pueris ludiera
Esse illa debent, in quibus nec sordium,
Nec fraudis ulla adesse suspicio queat.
Est ille gratus ludus, in quo corporis
Firmantur artus, robur augetur, salus
Servatur integra, animus alacer inscius

Cu-

Podella reprender ; este cuidado
Poucos o devem ter , e dignos delle ,
Que tal officio he este , que nem sabem
Servillo tambem todos , quanto devem ;
Porque a natureza de toda a gente
Foi sempre a reprender mui inclinada ;
Porém ninguem faz isto como cumpre ,
Senão o que he sisudo , e avisado ,
Porque ter-se grão conta he necessario
Co' tempo , co' lugar , co' a pessoa ,
E co' Real Poder , e Magestade
Daquelle que Senhor , e Rei he nosso ,
E a quem com razão somos subjeitos.
Perguntar-m'has agora por ventura
Que jogos estes são , dos quaes eu digo
Que são dignos d'hum Rei ? Eu bem conheço
Que entendes tambem isto , como tudo ;
Mas pois tu queres ler estes meus versos ,
Eu to direi : Está hum pouco attento.
Qualquer idade tem seus passatempos ;
Mas has-te de guardar com grão cuidado
Que a nenhuma idade os máos concedas.
Mui immodestos são Dados , e Cartas ,
E por indignos sempre de Reis tidos.
Os jogos , em que o moço ha de occupar-se ,
Aquelles hão de ser , em que não possa
Sombra haver de baixeza , ou de engano.
Aquelles jogos são bons , e agradaveis ,
Com que os membros do corpo enrijecem ,
Com que as corporaes forças se accrescentão ,
Com que a saude inteira se conserva ,

Curas molestas, excitaturque optimis
Rebus gerendis. Nam velut qui semper est
Intentus arcus, frangitur, sic non potest
Intentus animus semper esse seriis,
Graviusque rebus, hunc reficiat lusibus
Ætas honestis tenera. Sentiat tamen
Quantum ille captus nocte poterit, non jocis,
Ludisve natos esse prestantes viros,
Sed gravibus utique rebus. At Reges onus
Non posse sustinere tam admirabile,
Tantaque dignum laude, nisi gravissimo
Labore, curaque vigili. Arma corpori
Commoda tenello comparentur, aureis
Distincta maculis, lateri adhæreat mucro,
Non longæ, ut inquit ille, sessor arundinis,
Sed fit pusilli, ac mansueti equi.
Gratos apologos narret auctor elegans,
Ut mus leonem eduxerit periculo,

For-

Com que nunca a alegria se consume,
Com que no animo triste se allivião
As tristezas, cuidados, e molestias,
E para grandes feitos mais se accendem!
Porque assim como hum arco sempre armado
Está em grande perigo de quebrar-se,
Assim tambem hum animo não póde
Estar sempre occupado em cousas graves;
Mas essa pueril, e tenra idade
Defenda-se ás vezes, e passe o tempo
Em passatempos bons, jogos honestos.
Sinta elle tambem quanto for possivel
Caber n'hum pueril entendimento,
Que os heroicos Varões, grandes, e nobres
Não nascerão no mundo para jogos,
Mas para cousas grandes de substancia.
Nem podem sustentar os Reis hum pezo
Tão digno de louvor, tão espantoso,
Senão com grão trabalho, e grão cuidado.
Armas lhe dem iguaes ao tenro corpo
Ornadas a lugares com fino ouro;
De adaga acompanhado o lado ande,
E não cavalgue em fraca, e longa cana,
Como o grão Flacco diz, mas em cavallo
De estatura meã, quieto, e manso.
Tambem lhe conte o Mestre algumas fabulas
De brutos animaes, inda que sejão
Exemplos mentirosos, e tão baixos,
Agradaveis serão, e proveitosos.
Como hum Rato livrou d'hum grão perigo

Formica tenuis, ut columbam juverit,
Scarabeus aquilam ut graviter infestaverit,
Quæ cuncta Regi accomodentur, quem decet
Adjungere sibi plebis animos infimæ.
Prodesse semper quæ potest Regi suo,
Nonnunquam obesse. Principem modestiam
Magis decere, quam micantes fulgido
Auro coronas, has caput componere,
Modestiam animum, quem Plato virum vocat,
At corpus ipsum carcerem, atque ergastulum
Cœlestis animi: quem modis nos omnibus
Ornare oportet. Corporis non maximam
Curam esse habendam, vermibus voracibus
Dabit quod escam. Maxime hoc præposterum
Judicium eorum, sordidum qui carcerem
Quo vinciuntur, si magis se diligant.
His adde vatum fabulas, quæ cortice
Festivo opertæ, succum habent gratissimum.
Phaeton ut altos viribus fidens suis
Currus subivit patris, illosque inscius

Fu-

A hum soberbo leão: como huma Pomba
Favorecida foi de huma formiga:
Como hum Escaravelho baixo, e immundo
Gravemente anojou a Real Aguia.
Tudo ao Rei se accomode, a quem só cumpre
Fazer-se acceito aos animos do Povo,
O qual aproveitar sempre lhe póde,
E ás vezes tambem ser-lhe damnoso.
Que ao Principe convem mais a modestia,
Que as Coroas Reaes resplandecentes,
Porque estas authorizão as cabeças,
E a modestia he do animo ornamento,
Do qual (e com razão) Platão já disse
Que elle era o verdadeiro, e certo homem,
E ao corpo, que de fóra se apparece,
Chama prizão d'hum animo celeste,
O qual nos cumpre ornar de mil maneiras,
E não tractar ao corpo com cuidado,
Pois em fim ha de ser manjar de bichos.
E que aquelles de si dão ruins mostras
Que huma immunda prizão em que estão postos
Com maior amor tratão que a si mesmos.
Fabulas aqui ajunta de Poetas
Que ainda que estão cubertas de cortiça
Debaixo hum saboroso cumo escondem.
Como aquelle atrevido Phaetonte
Em si, e em suas forças confiado,
O reluzente carro, com que o dia
A' terra traz seu Pai, sub io ligeiro,
E como por saber mal do governo

Fudit regendi, qua ruina maximus
Prope conflagravit Orbis. Hanc imaginem
Illius esse Principis, qui improvide
Imperii habenas præpeti manu movet.
Cyclops ut ingens victus est à provido,
Et cauto Ulysse, ut eruit fronte unicum
Quod lumen habuit, robur ut nil corporis
Immane prodest, deest ubi mentis vigor.
Formicularum providentiam refer,
Qua parva complent horrea in longas nives,
Refer Cicadum cantilenas stultulas,
Æstate vasta quæ gravem afferunt famem.
Expone ut apibus imperet sine aculeo
Rex perbenignus, ejus ut jussa faciunt,
Mandata ut exequuntur, atque onera ferunt
Libenter, hoc uno beatas nomine

Sc

O fez cair na terra, donde quasi
Abrazado ficou o Mundo todo;
E que isto he hum retrato, huma figura
D'hum Principe soberbo, e descuidado,
Que impetuosamente, e sem conselho,
Sem ordem, e sem razão governa a terra.
Conta-lhe como aquelle grão Cyclope
Aquelle monstruoso Polyphemo
Vencido foi do astuto, e cauto Ullisses
Com perda d'hum só olho com que via,
Que tinha na cruel, e larga testa.
Donde se vê quão pouco vale a força,
Onde falta saber, engenho, e industria.
Poem-lhe tambem diante a providencia
Das pequenas formigas, que recolhem
No verão mantimentos, com que possão
Passar bem o chuvoso, e frio inverno.
Refere-lhe a ignorancia das cigarras
Importunas, e roucas, que cantando
O largo verão passão, descuidadas
Da fome com que o inverno as ameaça,
A qual lhe vem depois causar a morte.
Declara-lhe tambem que aquella Abelha,
Que o governo das outras tem a cargo,
Sem o agudo ferrão as rege, e manda,
Por mostrar mais amor que violencia,
E por isso tambem as outras todas
Fazerem o que ella manda alegremente,
Seja embora pezado, ou trabalhoso;
Tendo-se só por isso por ditosas.

Por

Se existimantes, Principi quod pareant,
Cingunt ut illum, nec procul secedere
Patiuntur, ejus sedulo, et stipant latus.
Similibus ætas illa recreatur jocis,
Illesque memori figit animo, atque uberes
Fructus reponit, inde post maturior
Cum veniet ætas, corpori alius ut cibus,
Sic aliud animo comparandum est pabulum,
Aliique lusus, alii erunt item joci,
In terga alacrioris insiliet equi,
Ac validiori diriget telum manu,
Levemque forti brachio mittet pilam,
Pulchraque corpus excitabit gratia,
Agitans decenter illud, oculos omnium
Animosque vertet in se, et alliciet suos,
Optabit arma ferre jam virilia,
Optabit et conserere cum hoste dexteram
Fictesque pugnas cum suis meditabitur.
Sed hic docendus, bellicis tumultibus
Nil esse quidquam immanius, nil mœstius,
Turmatim, ut homines in suum exitium ruant,
Vulneribus ut se mutuis sæve opprimant.
Sed bella nonnunquam geri, ut mitissima

Oria-

Porque são a seu Rei obedientes,
Dize-lhe como sempre em torno o cercão,
Nem soffrem apartar-se longe delle,
Antes todas lhe estão sempre ao lado.
Com isto se recrea aquella idade,
Isto traz na memoria sempre firme,
E daqui tira fructos abundantes.
Mas depois que a madura idade chega,
E convem para o corpo outros manjares,
Ao animo tambem já convem outro
Mantimento maior de mais substancia.
Cavalgue já em cavallo de mais furia,
Tome a espada na mão com maior força,
A pella tratará conforme ao braço,
E incitará o corpo a maior gloria;
Com exercicios taes, os olhos todos
Dos seus porá em si, porá as vontades,
E lhe dará sprito, força, e alento.
Então desejará vestir-se d'armas,
Quaes nas duras batalhas se costumão;
E combater com forte imigo duro,
E c'os seus fingirá tambem batalhas:
Mas hão-lhe de ensinar que a peior cousa,
De tristeza maior, de mór perigo,
Que póde succeder a qualquer Reino,
He sempre andar em guerras occupado,
Onde os homens sem tento, e sem discurso
Traz sua perdição vão todos juntos,
E sem piedade huns aos outros matão.
Mas que ás vezes tambem ha de haver guerras,

Por-

Oriatur inde pax, et esse plurimas
Causas gerendi belli, eas justas tamen
Esse eligendas, impios hostes Dei
Causa oliqua honesta, ad dulce pertrahi jugum
Fidei decere. Si tuis sint finibus
Illata damna, sarcienda prælio
Quis audeat negare? Privati suas
Ut jure lites, legibusque transigunt,
Sic Marte Reges vim quidem repellere,
Non esse iniquum, inferre sævum et impium.
Ad hæc monendus pacis auctorem Deum,
Belli esse iniqui dæmonem. Quid gratius?
Pace est quid ipsa mitius quid suavius?
Qua cuncta quamvis parva crescunt plenius.
Crudele contra cuncta bellum dissipat.

Pro-

Porque a paz dellas nasça, e se conserve;
E que mil causas ha de fazer guerras,
Mas que se hão de escolher sempre a mais justas;
Os inigos crueis do Rei Eterno
Convem ao doce jugo ser trazidos
Da sua santa Fé com causa honesta:
Se os confins por ventura do teu Reino
Padecem injuria, ou detrimento,
Não ousará ninguem negar, que deves
Satisfazello com batalha justa.
Porque assim como as leis, e a rigorosa
Justiça entre os vassallos averigua
As questões, as demandas, as contendas,
Assim entre os Reis se faz co' força de armas;
Nem he máo trabalhar por defender-me
Da injuria, ou da força que me fazem;
Porém fazella a outro he cruel cousa,
E á christã caridade repugnante.
Amoesta-o tambem que o Author primeiro
Da paz foi o benigno Deos eterno,
E o Demonio cruel o foi da guerra:
Que cousa ha hi que a paz mais gradavel,
Mais branda, mais suave, mais benigna,
E mais de hum tal Author merecedora?
Com que todas as cousas largamente,
E com grande abundancia sempre crescem,
Inda que sejão baixas, e pequenas.
Ou que cousa ahi ha (pelo contrario)
Mais triste, e mais cruel que a cruel guerra?
E de Author diabolico mais digna;

Prosternit atque evertit, ut Deo optimo
Ingrata bella, grata sic pax extitit.
Pacem, inquit ille, do meam vobis, velut
Mnemosynon hac reliquit omnibus suis,
Qui nomen illud profitentur aureum,
Nomen salutis, optimis quod actibus
Testari oportet. Cujusque maximum omnium
Sit munus illud Christi, ut innocentiam
Sectentur, alti quæ fores resarat poli,
Virtutem id ipsum Regiam magis decet.
Rex namque imago quam simillima est Dei;
Dei potestas summa ubique est, Regia
Est nulla terris maior, hæc quamplurimis
Prodesse poterit, si quod est in Numine,
Ille habeat etiam, ut optimo similis Deo
Contendat esse: maxime potentiæ
Modo bonitatem adjungat, ac sapientiam
Jure simulacrum Numinis dici potest.
Benefacta semper opibus ornabit suis,
Inopes juvabit, pauperum solabitur
Duros labores, nec probis opem viris
Negabit usquam, vidua, pupillus, senex
Non deseretur, charius nil quippiam

Vir-

A qual tudo destrue, abate, e perde.
E assim como aborrece Deos a guerra,
Assim a paz amou sempre, e a concordia.
A minha paz (diz elle) vos concedo,
A qual como hum penhor, como memoria
Aos seus todos deixou, que aquelle nome,
Santissimo professão, e excellente
Nome de salvação do qual com boas
Obras convem dar digno testimunho:
E como a mór merce que Deos outorga,
E a que mais sempre aos homens encomenda,
He que amem a innocencia, e a conservem,
Porque esta do alto Ceo as portas abre,
Mais convem esta aos Reis, que á outra gente;
Que elles são huma imagem de Deos viva,
Cujo poder he summo em toda a parte.
O mando, e o poder, que tem na terra
O Rei, todos os outros sobrepuja,
Co' qual aproveitar a muitos póde,
Se algum tanto arremeda ao divino,
E ser a Deos trabalha similhante;
Que se ao seu Real grão poderio
Sabedoria ajunta com bondade,
Chamar-se-ha com razão de Deos imagem,
De seus bens pagará os bons serviços,
Não negará aos pobres sua ajuda,
E consolallos-ha em seus trabalhos.
Favoreça os bons sempre, e de bom zelo,
Não desempare velho, orfão, viuva,
Antes com grão clemencia os agazalhe;

Virtute habebit, quam sine suo præmio,
Sine laude abire non sinet, totidem sibi
Pariet amicos, quot sequi rectum sciet.
Favore honesti cuncta faciet, gratia
Personæ, et odio nulla, quamvis machinis
Multis agatur. Plurimum quidem preces
Valeant amici, sed nihil contra pium,
Nil contra honestum, nobiles viros amet,
Illisque magna tribuat, illis publica
Regenda tradat munia, illorum libens
Consilia capiat, si parentum imagines
Virtute referant, tandiu illos diligat
Quantisper altis hæserint virtutibus,
Quantisper animi celsitudine præditi,
Graves labores, ac pericla negligent,
Ut dignitatis consulant, et commodis
Patriæ Parentis, nec superbi inanibus

Ti-

Nem cousa outra mais ame que a verdade,
Nem a deixe passar sem grande premio,
E sem grande louvor para que crêa.
Tantos quererá ter por seus amigos,
Quantos souber que são bons de verdade.
Sempre o que for razão fará em tudo,
E não o moverá amor, ou odio
Algum particular inda que seja
Combatido com força por mil partes.
Orelhas dê aos rogos dos amigos,
E tenhão perante elle muita força,
Mas não já que o apartem da justiça,
Nem do que for razão por nenhum caso.
Os nobres ame sempre, e favoreça,
A estes as cousas grandes encommende,
Em publicos officios encarregue,
E tome alegremente os seus conselhos,
Se dão signaes de terem as virtudes,
De que seus Pais, e Avós forão dotados.
E tanto tempo os ame, e os conserve,
Quanto a grandes virtudes se abraçarem,
Quanto com grande esforço, e grão constancia
Desprezarem trabalhos, e perigos,
Por conservarem honra, e magestade
De seu Rei, e Senhor, e por proveito
Da commum Mãi de todos, cara Patria;
Nem lhe são causa os titulos, e as honras,
Que deste Senhor proprio recebêrão,
Para ser mais inchados, mais soberbos,
E mais no que a elle cumpre descuidados.

Titulus tumescant. Sceptra, torques, purpura,
Armisque fulgens concio satellium,
Noa regem, at ingens turba virtutum facit.
Animusque dignus Principe, pius, inclytus,
Avitus, auctus omnibus virtutibus.
Antiqua Regis unctio summam indicat
Regem decere lenitatem, et gratiam,
At fulgidum aurum, quid nisi sapientiam?
Gemmæ micantes admonent illustribus
Debere factis enitere Principem,
Unde ipse clarus gloriæ splendor fluit.
Regale sceptrum, maximam constantiam
In æquitate, et jure reddendo monet
Servandam. Ab istis eruenda plurima
Exempla sunt docenti, ut auribus nihil
Sonet tenellis, nisi pium, ac sanctum nisi
Quod Regis altum munus oculis offerat,
Munus beatum, numeri simile Dei.
Quod possit ut perficere, res ut exigit
Res tanta magnas hauriat molestias,
Nullisque parcat impiger laboribus.
Nullos labores si faber subterfugit,
Aut quispiam alius artifex, longos dies,
Longasque noctes, operi adhærens exigit,
Ut possit artem discere, cui se applicat.

Cur

A Coroa Real, o rico Sceptro,
A purpura, o Colar, a armada guarda,
Insignias são de Rei, mas não o fazem,
Porque sómente o fazem as virtudes,
Os animos clementes, altos, grandes,
Liberaes, piedosos, de Rei dignos,
E a seus Antepassados similhantes.
A antiga Unção dos Reis significava
Que lhe convem brandura, e piedade:
Entende-se por ouro, sapiencia,
Por pedras preciosas, que lhe cumpre
Ao Rei resplandecer com claras obras,
Do qual perennemente está correndo
O mesmo resplandor de honra, e de gloria.
Pelo Sceptro Real se lhe amoesta,
Que tenha grão rigor, e grão constancia
No guardar do Direito, e da Justiça.
Daqui muitos exemplos tire o Mestre,
Porque n'umas orelhas ainda tenras
Nada soe, senão honesto, e santo,
E que mostrar-lhe possa claramente,
Qual he dos Reis na Terra o alto officio
Ditoso, e ao de Deos mui similhante.
E para que cumprir sem falta possa
O que a tão grande officio he necessario,
Soffrer lhe cumpre mil enfadamentos,
E não arrecear nenhuns trabalhos.
Que se hum official noites, e dias
Consume trabalhando largamente,
Só para que aprender possa aquella arte,

Cur ille magis destinatus Imperiis,
Regendi ut auctor esse præstantissimus,
Virisque possit imperare liberis,
Justitia, amore, facilitate, gratia,
Cur non laborem maximum Rex perferet?
Quando ex labore hujusmodi fructus venit
Immensus. Artes Rege dignæ sunt pius,
Verusque cultus Numinis, probitas, amor,
Modestia, fides. In malis patientia,
In rebus aspris fortis, invictus animus,
Atque in secundis permodestus, ut sciat
Servare cunctis rebus optimum modum.
Nec cuncta libeat facere, quæ late licent;
Sed illa solum quæ decet, quæ præcipit,
Jubetque honestum: finis hic potentiæ
Ponatur, et se legibus sanctissimis,
Quas ipse statuit, subditum esse intelligat.
Non illa ut olim lex adulatrix tulit,
Quæ subditum esse legibus Regem negat.
Quid cuncta memorem? Se intus ille atque incute
Pernoscat, esse ut cæteros obnoxium
Morti, esse veram magni imaginem Dei,
Ac summa ut omnes anteit potentia,
Sic ille vera excellat omnes gloria:

Ut

A que se lhe inclinou mais a vontade ;
Aquelle para quem está guardado
Hum tão alto , famoso , e largo Imperio ,
Porque não soffrerá grandes trabalhos
Para vir a entender o bom governo ,
E poder mandar huma livre gente
Com grão justiça , amor , facilidade ,
E com poder ficar aceito a todos ,
Pois dos trabalhos nascem estes frutos ?
As Artes do Rei dignas , são ter culto
Verdadeiro de Deos , amor , bondade ,
Modestia , fé , nos males paciencia ,
Animo sempre forte , não vencido.
No prospero tambem pouco alvoroço ,
Porque hum bom meio em tudo guardar saiba.
Nem queira fazer tudo quanto póde ,
Mas só quanto convem , quanto for justo ,
E aqui de seu poder ponha os limites ,
E entenda que tambem fica subjeito
A's leis que elle mandou que se guardassem ,
Bem ao contrario do que n'outro tempo
Aquella lisongeira lei mandava ,
Que os Reis das suas leis isentos fossem.
Que posso dizer mais ? Inteiramente
Se conheça a si mesmo , e saiba certo ,
Que está subjeito á morte como os outros ,
E que he de Deos imagem verdadeira ;
E que assim como a todos cá na terra
Em poderio vence , assim lhe cumpre ,
Que elle na verdadeira gloria os vença ;

Ut opibus omnes, sic domet virtutibus.
Sed quæris iterum, quæ mihi potissimum
Videntur artes digniores Principe,
Quasve a Magistro debeat scientias
Perdiscere? Omnes liberales quas vocant.
Nec crede me maiora verbis prodere,
Quam possit ardens animus, ac feliciter
Natus, Magistro ab erudito, et impigro
Præstare cultus, nil labor non efficit.
Modo doctæ acumen mentis arti admisceat.
Septenus annus aptus esse traditur
Docto Magistro, cum juvat committier
Tradique puerum, molliusculla ac minus
Est ante tempus illud apta ætatula
Discendo, ibi infans victus erubescere
Gaudere victor, mente jam erecta solet
Sapiens Magister pervigil, doctus, probus
Quæratur inter multa millia. Optimis
Sit cultus ille, et eruditus artibus;
Præsertim honestis moribus præfulgeat,
Docendi et artem teneat, ac certam viam,
Puerumque ducat semita rectissima
Virtutis ad cacumen, et juga ardua
Doctrinæ. In ipsis asperos progressibus
Scrupos reperiet, ac molesta obstacula,

Quæ

E que assim como os doma com riquezas,
Assim tambem os dome com virtudes.
Se outra vez me perguntas que artes sejão
As que principalmente me parecem
Que são d' hum grande Principe mais dignas,
Ou quaes são as sciencias que elle deve
Com cuidado aprender do douto Mestre,
São as que liberaes tem por seu nome.
Nem creas que direi maiores cousas,
Que as que hum bom engenho, bem nascido,
E bem de douto Mestre cultivado
Poderá dar de si mui facilmente;
Porque o grande trabalho tudo acaba,
Se a qualquer arte ajuntas bom engenho.
Depois que ao septimo anno o moço chega,
Já convem que ao Mestre seja entregue,
Porque então já se corre em ser vencido,
E de ser vencedor soe alegrar-se.
Tod'a idade antes disto he muito tenra,
E mal para aprender conveniente.
Entre muitos milhares hum se busque
Bom, sabio, vigilante, e douto Mestre,
Que seja em boas artes instruido,
Mas seja-o muito mais em bons costumes,
O qual saiba ensinar, e por direitos
Caminhos leve o moço ao alto cume
Do saber, da virtude, e da doutrina.
Achará no caminho mil desvios,
Mil inconvenientes enfadonhos,
Que d'alguma detença serão causa,

Quæ pœnitendæ forte causa erunt moræ,
Quæ sola vincet, ac teret constantia.
Discet sonare litteras, ac promere
Presso ore, discet nosse recte et jungere,
Discetque notas arte mira pingere,
In quo Magister cautus, ac vigil suam
Probabit utique, præfertque industriam,
Discentis ut citra gravem molestiam
Edoceat illa, quæ quidem illum postea
Dedisceré haud oporteat, pura omnia,
Sincera, munda, e fonte limpidissimo
Manantia. Artis fateor omnia aspera
Sunt, et molesta dogmata incipientibus,
Sed condienda sunt suo, ut placeant, sale.
Pueri adhibendi pauculi, omnes indolis
Præclaræ, ut excitetur æmulatio.
Præcedere illos lætus, exultans, ovans
Gaudebit, illos assequi conabitur.
Curabit illud Rector in primis, puer
Ne terreatur a labore, in litteras
Ne contrahat odium, sed illas unice,
Sine quibus esse vita non potest, amet,

In-

De que estará depois arrependido,
Contra os quaes a constancia val sómente.
A pronunciação das letras boa,
E ajuntallas aprenda, e conhecellas,
E tambem escrevellas com grande arte.
E nisto mostrará o cauto Mestre
A sua vigilancia, a sua industria,
Porque sem grão molestia do que aprende,
Lhe ensine aquellas cousas, que esquecellas
Não venha depois a ser-lhe necessario,
Puras todas, sinceras, santas, boas,
E que d'huma mui clara fonte manão.
Os principios (confesso) em qualquer arte
Sempre são desgostos, e molestos;
Porém para que possão bem passar-se,
Cumpre vir de algum sal acompanhados.
Alguns moços lhe ajuntem, os quaes sejão
De boas naturezas, bons costumes,
Para que entre elles haja competencia,
(Que sempre no aprender foi proveitosa)
Porque receberáõ contentamento
Em triunfo d'alguns, que menos sabem;
E porá grão trabalho, e grande força
Por chegar aos que vão diante delle.
O principal cuidado do bom Mestre
Ha de ser procurar que a pouca idade
Não venha a tomar medo ao trabalho,
Porque isto não lhe crie odio ás letras.
(Sem as quaes haver vida he impossivel)
Mas sempre as ame, e abrace summamente,

Indignum, et illum luce vitali patet
Qui litterarum fuerit expers. Libere
Docere libros, quæ sequi, quæve fugere
Quemque decet, id Regi utile esse maxime;
Cui veritatem nullus, aut pauci explicant.
Romanus ille sermo copiosus, et grauis,
Quo multa rerum maximarum posteris
Sunt tradita monumenta, debet tradier,
Illo explicando sylva rerum amplissima
Edetur, ætas ut suos habet gradus,
Sic rerum; et ipsa velut parens scientia,
Quam facili, et apto perdocebit ordine
Prudens Magister. Verum in his progressibus
Sunt recta semper edocenda. Idoneum
Nullum esse tempus autumet rebus malis
Rector docendis, omne quam rectissimis.
Ubi doctus ille puritatem, ac gratiam
Sermonis hujus fuerit, admirabilis
Aderit voluptas perlegendis optimis
Scriptis vetusti seculi, in quibus Fides,

Re-

E tenha por indigno de ser vivo
O que dellas não tem conhecimento.
Declarem-lhe que os livros sem receio
Mostrão o que fugir cada hum deve,
E o que de imitação tambem he digno;
E que isto he para os Reis mui proveitoso,
A quem poucos dos seus, ou por ventura
Nenhum ha que as verdades lhe declare.
Devem-lhe d'ensinar aquella antiga
Grave, e abundante lingua dos Romanos,
Com que inda agora está viva a memoria
De tantos, e tão altos nobres feitos:
E nesta util lição, e necessaria,
Se lhe ensinarão cousas mui diversas;
Porque assim como tem seus gráos a idade,
Assim tambem os tem a sapiencia,
A qual he como mãi das cousas todas.
E esta póde ensinar o douto Mestre,
Se boa ordem tiver sem grão trabalho.
Porém sempre no meio destes passos,
Ensinar-lhe o melhor he necessario.
Nem lhe pareça ao Mestre que ha ahi tempo
Em que póde ensinar seguramente
Alguma cousa má, de Rei indigna.
Saiba que para as boas sempre ha tempo
Depois que elle tiver conhecimento
Da graça, e da pureza desta lingua,
Grande contentamento, grande gosto
Receberá de ler aquelles grandes,
Aquellas espantosas escrituras,

Que

Religio, Pietas Charitas spectabitur.
Quam multa rerum exempla, fortitudinis
Multa offerentur, multa item constantiæ,
Multa bonitatis, atque amoris in suos;
Referre pulchris quæ modis conabitur.
Vitæ Magistra historia jucundissimo
Lepore mentes recreat, et bonos docet
Mores sequendos, ac repellendos malos.
Et cuncta narrat etiam ab Orbe condito,
Ut vivere illis nos putemus, seculis
Quæ tum fuerant et suis successibus
Abiere raptim, quicquid olim antiquitas
Magnum, stupendum vidit, et mirabile,
Perdocta quicquid mater experientia,
Cuncta monumentis litterarum condita
Servantur, ut inest his voluptas maxima,
Sic fructus incredibilis, ipsam quæ juvat,
Augetque cumulo amplissimo sapientiam.
Præsertim habenda in manibus Historia Dei
Verissima illa, quæ Poli reserat viam,
Et inferorum cæca claudit limina,
Stupenda summi quæ Dei miracula,
Et largitatem narrat in hominum genus.

Nec

Que do passado tempo a nós vierão,
Nas quaes se está enxergando em toda a parte
Amor, Religião, Fé, Piedade.
Para tudo achará alli mil exemplos
De esforço, de constancia, e fortaleza,
De bondade, de amor aos seus vassallos;
Os quaes trabalhará de imitar sempre.
Natureza he da historia com grão gosto
Animos recrear, e entendimentos,
E ensinar a fugir dos máos costumes,
Seguir os que são bons. A qual por isso
Se chama com razão Mestra da vida.
E tudo largamente conta, quanto
Passou des que o mundo tem principio,
De modo que parece que vivemos
Naquelle antigo tempo tão ditoso,
E que com tanta pressa foi fugindo.
E tudo quanto aquella antiguidade
Grande, e soberbo vio d'espanto digno,
E tudo quanto ensinou a experiencia,
A historia conservou, e no-lo mostra;
E assim como daqui se tira gosto,
Assim tambem se tira grande fruito,
Com que o saber se ajuda, e seaccrescenta.
A Historia que ha de andar entre as mãos sempre,
E que principalmente ha de ser lida,
He a Historia de Deos tão verdadeira,
Que abre as portas do Ceo, cerra as do Inferno
Que as grandes maravilhas de Deos conta,
E a liberalidade com que trata

Nec negligenda quæ viri doctissimi
Scripsere de parente rerum provida
Natura, ab ipso facta quæ fuit Deo,
De jure civitatum ab ipsa origine
Natura, et hominum quod oritur, sunt omnium
Scientiarum in mente nostra semina.
Quæ pullulabunt fructibus quamuberrimis,
Modo sit colonus diligens, cautus, probus
Qui colere lætum norit, ac pulchrum solum
Eruere sentes ac rubos norit malos.
Quo Musa tendis? Cuncta complecti nequis
Operosæ moles viribusque impar tuis,
Præstare tantum munus, alio forsitan
Sed liberiore genere scribendi tibi
Licebit olim, cum puer spes unica
Regni Sebastianus ætatis gradum
conscendet altiorem, et una augebitur
Vis animi, et ardens gloriæ parandæ amor,
Perfecta virtus Christiani Principis

Tam

Esta desconhecida, e ingrata gente.
Nem se ha de desprezar a que escreverão
Doutissimos varões, daquella grande
Providencia que teve a natureza,
(Geral mãi) em crear todas as cousas,
A qual do mesmo Deos teve principio.
E todas as sciencias, que tratão
Do governo civil, e da maneira,
Que as Republicas hão de governar-se,
As quaes a natureza, e bom juizo
Dos homens per si só está mostrando,
E tem suas sementes dentro n'alma;
As quaes frutos darão mui copiosos,
Se forem doutamente cultivadas
De cauto lavrador, e diligente,
Que saiba tratar bem a boa terra,
E arrancar-lhe os espinhos, e as más hervas.
Musa minha, onde vás, ou que pertendes,
Não vês que tudo comprehender não podes,
E este pezo he maior que tuas forças?
Outro tempo virá em que escrever possas
Em estilo mais livre por ventura,
E supprir o que agora te falece.
Quando este lume só, esta esperança
Do Reino que para elle se conserva,
Sebastião, chegar a mór idade,
E juntamente nelle for crescendo
Animo, espirito, força, e ousadia
Com hum ardente amor d'eterna gloria,
Então lhe mostrarei mais claramente

Tum clariori lumine explicabitur,
Dum Regis absoluta perfectissimi
Spectanda forma veniet oculis omnium.
Dum Rex beatus conditum sub pectore
Decus tenello proferet. O si tum meo
De Patria amori promerendi par foret
Vis eloquendi! In opere nil requireres,
Ac tum paterent otii fructus mei.
Nunc hoc amico, candideque pectore,
Francisce, amoris tibi do testimonium.
Maiora multo, si liceret, hoc darem,
Ac promptiori mente, quæ semper tuæ
Laudi obsequetur, dignitati serviet,
Hoc dum superstes perfruar Cœli æthere.

FINIS.

A perfeita virtude, de que deve
O Principe Christão estar ornado.
Quando em perfeita idade todos virem
Aquella tão estranha formosura,
Quando este Rei ditoso, e invencivel
Der já mostras daquella gloria, e honra,
Que no seu tenro peito se escondia.
E se eu então tivesse igual o engenho
Ao grande amor da Patria, e ao desejo,
Que tenho de servilla, e de illustralla,
Desejar não puderas nada, em quanto
Eu então escrevêra, e juntamente
Virás claros os fruitos do meu ocio.
Agora com amigo, e puro peito
Te quiz dar isto qu' he hum testimunho
Daquelle puro amor tão verdadeiro,
Generoso Francisco, que te eu tenho.
E se eu pudera mais, muito mais dera,
E de melhor vontade; porém esta
Sempre se empregará em teus louvores,
E em tudo que cumprir a teu serviço,
Ou seja de teu gosto, ou de tua honra,
Em quanto eu cá gozar da vital aura,
E Atropos cruel não cortar o fio.

FIM.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PA
8585
T4A56
1803

Teive, Diogo de
Epódos que conte'm sentenças uteis a todos os homens